REALIZAÇÃO

Ard-Chonsalacht na hÉireann | São Paulo
Consulate General of Ireland | São Paulo
Consulado-Geral da Irlanda | São Paulo

APOIO

Ambasáid na hÉireann | An Bhrasaíl
Embassy of Ireland | Brazil
Embaixada da Irlanda | Brasil

MINISTÉRIO DA
CULTURA

IRLANDESES NO BRASIL

IRLANDESES no BRASIL

IRLANDESES no BRASIL

A Irlanda é parte de nossa – tão brasileira – constelação de etnias, assembleia de vozes múltiplas, a partir de cuja pluralidade traduzimos o presente.

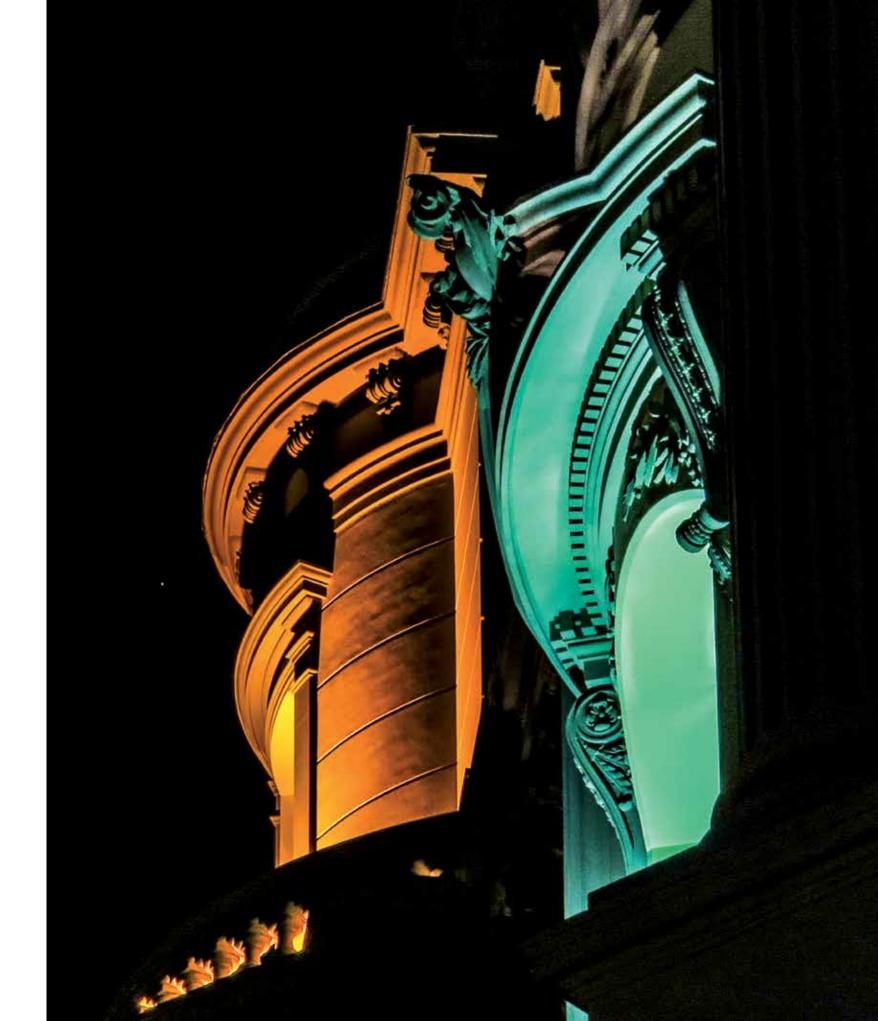
Duas ilhas, a de Esmeralda e Santa Cruz: Irlanda e Brasil, com seus antigos nomes fundadores. Desenham, ambas, um arquipélago, no generoso “mapa-múndi” da Biblioteca Nacional. Trata-se de uma elevada prática de diálogo, bilateral: a diplomacia do livro e da cultura, nos vários suportes e camadas, que envolve os setores desta Casa.

Não fosse a literatura da Irlanda, boa parte do século XX teria ficado mais pobre, subtraindo seu vigor criativo. Penso em Wilde, Heaney e Yeats. Mas, sobretudo, em Joyce, cuja tradução do *Ulysses* constitui um dos mais belos capítulos de nosso diálogo literário.

Não posso não falar de Swift, fundamental, em tantas frentes, incluindo Machado de Assis. A invenção de uma língua artificial. E da oportuna metáfora da biblioteca, dos livros, à noite, solitários, em paz.

Ao sediar a presente exposição, a Fundação Biblioteca Nacional cumprimenta a Embaixada e o Consulado Geral da Irlanda no Brasil pela iniciativa desse encontro histórico.

Marco Lucchesi,
Presidente da Fundação Biblioteca Nacional

Detalhe da fachada da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro
© Marcos Gusmão / Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

IRLANDESES NO BRASIL

Com grande prazer inauguro a exposição *Irlandeses no Brasil*, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e o Consulado Geral da Irlanda em São Paulo.

Em setembro de 1822, o príncipe Dom Pedro declarou a independência do Brasil de Portugal, e, cem anos depois, a Irlanda tornou-se o que era então conhecido como Estado Livre Irlandês. Hoje, ao refletirmos sobre o centenário da independência irlandesa e bicentenário da independência brasileira, e ao nos aproximarmos de meio século de relações diplomáticas entre a Irlanda e o Brasil, o lançamento desta exposição não poderia ser mais oportuno.

Irlandeses no Brasil conta histórias do povo irlandês e seus descendentes no Brasil: de missionários irlandeses a Narcisa O'Leary, esposa irlandesa do Patriarca da Independência do Brasil, José Bonifácio de Andrada e Silva, a Roger Casement, diplomata que lutou pelos direitos dos povos indígenas na Amazônia. A exposição também reconhece o significativo número de autores, dramaturgos e ganhadores do Prêmio Nobel irlandeses, cujas obras traduzidas tem grande repercussão no Brasil. Quando nosso mestre poeta Paul Durcan lançou seu volume de poesia em 1999, *Greetings to Our Friends in Brazil* (Saudações aos nossos amigos no Brasil), em 1999, ele trouxe o Brasil para dentro de todas as casas e salas de aula da Irlanda.

Sou imensamente grato à Biblioteca Nacional, cujos arquivos conferem vida a essas histórias, e agradeço a cooperação de sua equipe na montagem desta exposição. Também gostaria de expressar meu profundo apreço pelo trabalho e dedicação dos curadores: Peter O'Neill, que idealizou esta exposição e cuja pesquisa de uma vida inteira serviu como base para os conteúdos da mostra, e Profa. Dra. Beatriz Kopschitz Bastos, especialista em Estudos Irlandeses, filiada à Universidade Federal de Santa Catarina, que, há décadas, tem promovido a literatura, o teatro e o cinema irlandeses no Brasil e criado laços duradouros entre instituições educacionais e culturais irlandesas e brasileiras.

Seán Hoy, Embaixador da Irlanda no Brasil

Estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, illuminada em verde, em homenagem ao Dia São Patrício. © Dado Galdieri / Sherlock Communications, 2021

O objetivo desta exposição é compartilhar um fragmento da longa história dos irlandeses e da literatura irlandesa no Brasil. A exposição, física e virtual, lançada na magnífica Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, reflete, em parte, aspectos de minha ampla pesquisa incluindo dados biográficos e documentais que serão disponibilizados na própria Biblioteca.

A exposição está dividida em duas áreas: a presença histórica dos irlandeses no Brasil e a presença intelectual dos irlandeses no Brasil, representada por mais de 60 ficcionistas, poetas e dramaturgos irlandeses por meio de mais de 500 traduções.

A originalidade da mostra é que ela reúne, pela primeira vez, histórias sobre a chegada do primeiro irlandês ao Brasil, tentativas de estabelecimento de assentamentos em quatro regiões brasileiras, inclusive a Amazônia, o impacto da independência da Irlanda na imprensa brasileira, a contribuição de missionários e uma série de personalidades e famílias de ascendência irlandesa para o desenvolvimento do Brasil, a exemplo da esposa irlandesa do Patriarca da Independência do Brasil.

A exposição mostra ainda que, no século XIX, viajantes irlandeses escreveram sobre o país, e jornais em Dublin e Belfast destacaram a visita pouco conhecida de Dom Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina à Irlanda, em 1877!

As pesquisas para esta exposição começaram há mais de 25 anos.

Peter O'Neill, curador

PETER O'NEILL, ex-assessor do Consulado Geral Honorário da Irlanda no Rio de Janeiro para assuntos ligados à cultura, ao turismo e ao comércio exterior; membro *ex officio* da Comissão Europeia de Turismo em São Paulo para a divulgação da Irlanda na imprensa e em setores turísticos locais; pioneiro no Brasil na promoção da Irlanda como um novo destino para cursos de inglês; pesquisador independente desde 1995 sobre a história dos irlandeses no Brasil; autor de *Links between Brazil and Ireland* (1999); membro da Associação Brasileiras de Estudos Irlandeses e da Associação Brasileira de Arte Fotográfica.

A presença intelectual, literária e artística da Irlanda no Brasil compõe de maneira orgânica a exposição *Irlandeses no Brasil*.

Os painéis dedicados a essa presença abordam: clássicos da literatura irlandesa traduzidos no Brasil, como Jonathan Swift e Oscar Wilde; escritores irlandeses agraciados com o Prêmio Nobel de Literatura – William Butler Yeats, George Bernard Shaw, Samuel Beckett e Seamus Heaney –, todos disponíveis em tradução no Brasil; o célebre James Joyce, cuja obra, com exceção de parte de suas cartas, encontra-se integralmente traduzida aqui; a literatura irlandesa contemporânea, destacando autores e autoras com obras publicadas em tradução, que foram objeto de pesquisas acadêmicas em universidades brasileiras, ou que visitaram o Brasil – como Colm Tóibín, Anne Enright, Edna O'Brien, Colum McCann e John Banville, dentre muitos outros; o teatro irlandês nos palcos brasileiros; o cinema, a música e a dança da Irlanda no Brasil; bem como um breve panorama dos Estudos Irlandeses no Brasil.

Os livros exibidos pertencem ao acervo da Biblioteca Nacional, e os textos dos painéis foram escritos com a colaboração de especialistas em literatura, artes e tradução, o que confere ao conjunto de painéis uma dinâmica fluida e pluriestilística.

Cabe agora ao público a apreciação da riqueza histórica, literária e artística dos irlandeses no Brasil!

Profa. Dra. Beatriz Kopschitz Bastos, curadora

PROFA. DRA. BEATRIZ KOPSCHITZ BASTOS, Programa de Pós-Graduação em Inglês e Núcleo de Estudos Irlandeses (UFSC). Graduação em Letras (UFJF); especialização em Literaturas de Língua Inglesa (UFF); Master of Arts in English (Northwestern University); doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP); pós-doutorado (UFSC). Pesquisadora visitante em: University College Dublin; University of Galway; Trinity College Dublin. Representante do Brasil na International Association for the Study of Irish Literatures; membro do Ulysses Council do MoLI – Museum of Literature Ireland; diretora da Cia Ludens; ex-diretora da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses.

SUMÁRIO

CRONOLOGIA

1577
Pe. Thomas Field (1547–1626), um jesuíta de Limerick, é considerado o primeiro irlandês a se estabelecer no Brasil. Morou em Piratininga por três anos e foi lembrado como o primeiro irlandês a ter celebrado Missa no Novo Mundo

1750
Uma imagem em madeira, supostamente de São Patrício, foi esculpida na cidade de Ceres, Estado de Goiás. Um rio próximo também recebeu o nome do santo padroeiro da Irlanda, levando a área a ser conhecida como o "Vale de São Patrício"

1790
Narcisa Emília O'Leary casou-se em Lisboa com José Bonifácio de Andrada e Silva. Ele viria a ser conhecido como o Patriarca da Independência do Brasil

1828
Revolta de mercenários irlandeses no Rio de Janeiro

1842
O irlandês John Joaquim Fleming participou de um movimento revolucionário em São Paulo. Um descendente, Francisco de Almeida Fleming (1900–98), foi um dos pioneiros do cinema brasileiro

1865
William Scully, jornalista irlandês, foi o fundador e editor do *The Anglo-Brazilian Times* (Rio de Janeiro, 1865–84). A promoção da emigração irlandesa para o Brasil foi um dos principais objetivos da publicação

1869
Clube dos Fenianos, clube carnavalesco inspirado em uma sociedade nacionalista irlandesa, foi fundado no Rio de Janeiro

1877
Dom Pedro II, Imperador do Brasil, visitou a Irlanda

1888
As Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, foi a primeira obra de um autor irlandês publicada no Brasil, com prefácio de Rui Barbosa

1906
O nacionalista irlandês Roger Casement chegou ao Brasil como Cônsul britânico. Ele investigou abusos de direitos humanos contra indígenas que trabalhavam como coletores de borracha na Amazônia

1920
Primeiro registro de produção teatral de obra de autor irlandês: *Salomé*, de Oscar Wilde, foi encenada no Rio de Janeiro

1975
Relações diplomáticas formais foram estabelecidas entre a Irlanda e o Brasil

1988
Primeiro *Bloomsday* – uma celebração do livro *Ulysses*, de James Joyce – em São Paulo, organizado pelo poeta brasileiro Haroldo de Campos e pela Profa. Dra. Munira Mutran

1989
Criação da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI)

1995
A presidente Mary Robinson foi a primeira chefe de Estado irlandesa a visitar o Brasil, onde foi recebida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso

2001
Embaixador Martin Greene assumiu o cargo de primeiro Embaixador da Irlanda residente no Brasil

2003
Brasileiros começam a estudar em universidades irlandesas por meio do programa Ciência sem Fronteiras. Mais de 3.300 alunos participaram do programa durante um período de três anos

2004
Pe. John Cribbin OMI tornou-se o primeiro irlandês a ser declarado Cidadão Honorário do Município do Rio de Janeiro; em 2008 Pe. Anthony (Tony) Conry também recebeu o título de Cidadão Paulistano

2009
Estabelecimento da Cátedra W.B. Yeats de Estudos Irlandeses, da Universidade de São Paulo

2016
Os resultados do censo irlandês de 2016 revelam que o número de brasileiros na Irlanda triplicou em uma década, e algumas fontes estimam que o número seja superior a 50.000

2018
Profa. Dra. Munira Mutran (USP) é a primeira brasileira a ser homenageada com o *Distinguished Service Award* do Presidente da Irlanda, Michael D. Higgins, em reconhecimento por seu trabalho de promoção dos Estudos Irlandeses no Brasil

No fundo, possivelmente o mapa mais antigo da Irlanda no Brasil, *Europe tabula*, mostrando a Irlanda e a Grã-Bretanha, *Claudii Ptolomei viri Alexandrini Cosmographiae*, 1486
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Director
RAYMUNDO SILVA

Correio da Manhã

Proprietario
EDMUNDO BITTENCOURT

ANNO XXI – N. 8.316
Gerente – V. A. DUARTE FELIX

RIO DE JANEIRO – SEXTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 1921

REDACÇÃO
Largo da Carioca n. 13

O MOMENTO INTERNACIONAL — Serviços da Associated Press, Havas e correspondentes especiaes

O governo allemão concordou em entrar em negociações de credito com os circulos financeiros inglezes

LONDRES, 8 -- Os prisioneiros irlandezes attingidos pela amnistia real são approximadamente 3.400. A ordem real determina que não estão comprehendidos na medida os que foram julgados e condemnados.

LONDRES, 8 -- Noticias de Riga dizem que 15 mil soldados vermelhos escolhidos investiram contra Petrozavodsk, para dominar a avertura kareliana e que o governo de Moscou resolveu definitivamente solucionar de qualquer modo todas as controversias com a Finlandia.

A solução de um problema secular

Interessantes dados historicos sobre a questão irlandeza

DUAS VISTAS DE DUBLIN, CAPITAL DO NOVO ESTADO LIVRE DA IRLANDA: ao alto, a famosa cathedral de St. Patrick, um dos mais bellos monumentos architectonicos da Irlanda. Em baixo, o College Green e a Dame Street, vendo-se á direita o Banco da Irlanda, construido em 1739 para séde do Parlamento.

NA ALLEMANHA

O governo teme o confisco das reservas ouro do Reichsbank

INDEPENDÊNCIA DA IRLANDA: LIGAÇÕES COM O BRASIL

PETER O'NEILL

Na segunda-feira de Páscoa de 1916, um grupo de irlandeses e irlandesas proclamou uma República Irlandesa livre, que ansiava pelo estabelecimento de um governo nativo eleito com base no princípio da autodeterminação.

A primeira reunião formal do parlamento irlandês, *Dáil Éireann*, ocorreu em 21 de janeiro de 1919. Seu objetivo precípuo era buscar o reconhecimento internacional para a independência irlandesa. Tal propósito resultou na distribuição global de uma *Comunicação*, que incluiu uma versão em português endereçada ao Parlamento do Brasil em janeiro de 1921.

O segundo objetivo do primeiro *Dáil* foi promover os interesses políticos da Irlanda por meio da imprensa internacional sediada em Dublin e Londres, como refletido na cobertura dada pelos jornais brasileiros aos eventos na Irlanda, em especial, o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

É interessante lembrar que um documento intitulado "Algumas notas sobre a história do clube feniano" chegou ao parlamento brasileiro em 1921. O clube, fundado no Rio em 1869 como um clube de carnaval, ajudou a financiar a libertação dos escravos e foi inspirado no movimento feniano que, na década de 1860, ajudou a financiar a luta pela independência da Irlanda.

Com a assinatura do Tratado Anglo-Irlandês em 1921, a Irlanda entrou em um novo capítulo de sua história. O Tratado viu o fim da Guerra da Independência e o estabelecimento de um Estado Irlandês composto por 26 condados. Seis condados no norte permaneceram sob a administração de um governo descentralizado no Reino Unido.

Raul Vachies foi o primeiro Cônsul do Brasil em Dublin. Em 1931, ele escreveu um livro, *Irlanda*, sobre revoluções irlandesas, economia e relações bilaterais. Em outubro de 1931, o primeiro acordo comercial entre os dois países foi assinado.

Nas duas primeiras décadas após a independência da Irlanda em 1922, as instituições do Estado Irlandês foram consolidadas e uma tradição de estabilidade política foi estabelecida. A Constituição da Irlanda de 1937 dispõe que Irlanda (Éire em irlandês) é o nome oficial do Estado.

POBLACHT NA H EIREANN.
THE PROVISIONAL GOVERNMENT OF THE
IRISH REPUBLIC
TO THE PEOPLE OF IRELAND.

Proclamação da Independência da Irlanda, 1916
© World History Archive / Alamy

AO LADO
Matéria sobre a independência da Irlanda na capa do jornal *Correio da Manhã*, 9 de dezembro de 1921
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

COMMUNICAÇÃO
AO
CONGRESSO NACIONAL DO BRASIL

Approvada na Sessão do Congresso Nacional da Republica da Irlanda (Dail Eireann) Celebrada em Janeiro de 1921

Comunicação ao Congresso Nacional do Brasil, aprovada na sessão do Congresso Nacional da Irlanda (*Dail Eireann*), janeiro de 1921
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

HY BRASIL: ORIGENS CELTAS

PROFA. DRA. MARIANA BOLFARINE

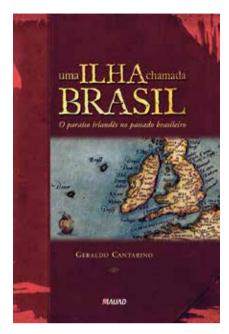
A ilha mítica de Hy Brasil compõe o imaginário irlandês há séculos. Presumia-se que estava situada próxima à costa sudoeste da Irlanda, quase sempre escondida por uma densa neblina que, a cada sete anos, desaparecia, revelando montanhas e cidades povoadas por seres sobrenaturais.

Hy Brasil também representava uma terra de puro deleite na mitologia grega, bem como a ilha dos abençoados procurada por São Brandão. O escritor Lope García de Salazar, ao reescrever a lenda do Santo Graal no século XV, substituiu a ilha de Avalon pela de Hy Brasil, a última morada de Artur. A partir do século XIV, a ilha passou a ser representada por cartógrafos ilustres, até que foi reduzida a uma rocha e, por fim, excluída dos mapas do alto almirantado britânico no século XIX.

Acreditava-se na existência de mais de uma ilha com nomes semelhantes. A Jnsola de Braçil, cujo nome derivava da palavra Brasil e se referia à madeira de tingimento vermelho, estaria situada nos Açores. Outra, próxima à Irlanda, conhecida por O'Brasil, Hy Brasil ou Breasail, teria sido batizada em homenagem a St. Breasail, ou St. Bresal, venerada figura da mitologia irlandesa.

Algumas dessas lendas colocam parcialmente em xeque a origem do nome dado pelos portugueses ao território sul-americano, que viria da madeira pau-brasil. Essa ideia foi compartilhada pelo irlandês Roger Casement, Cônsul britânico no Brasil durante sete anos. Em suas palavras,

> por mais estranho que possa parecer, o Brasil não deve o seu nome à abundância de certa madeira pau-brasil, mas à Irlanda. Acredito que a honra de nomear o grande país sul-americano pertence seguramente à Irlanda e a uma antiga crença irlandesa.

Curiosamente, em um dos contos de viagens marinhas da mitologia celta, a descrição de uma ilha fabulosa na qual havia jogos e música, e as pessoas eram sempre felizes e saudáveis, corresponde a características comumente atribuídas a esta vasta nação – hoje conhecida como Brasil.

Uma ilha chamada Brasil,
de Geraldo Cantarino, 2004
© Editora Mauad, São Paulo

AO LADO
As ilhas da Irlanda e Hy Brasil, juntas no mapa da Europa, *Theatrum Orbis Terrarum*, por Abraham Ortelius, 1570
© Abraham Ortelius / Alamy

ROGER CASEMENT

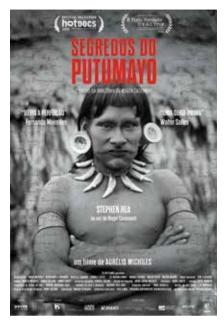
PROFA. DRA. MARIANA BOLFARINE

A vida de Roger David Casement integra um dos capítulos mais violentos da história do Brasil: o ciclo da borracha. Casement nasceu em Sandycove, Dublin, em 1º. de setembro de 1864. Ainda adolescente, ficou órfão e foi levado para a Irlanda do Norte, onde concluiu seus estudos. Mudou-se para Liverpool e entrou na Companhia Mercante Elder Dempster – seu passaporte para a África. Tornou-se agente colonial da Associação Internacional do Rei Leopoldo II da Bélgica e Cônsul britânico na África portuguesa e no Congo. Em um relatório constituído por declarações de vítimas e missionários, reportou ao governo britânico a situação da economia de extração de borracha e as atrocidades cometidas contra os africanos.

Entre 1906 e 1913, Casement foi Cônsul britânico em Santos e Belém do Pará e Cônsul Geral no Rio de Janeiro. Em 1910 e 1911, fez duas viagens ao Putumayo, região disputada entre Peru, Brasil e Colômbia, onde investigou as condições dos coletores de borracha da Companhia Peruana da Amazônia, registrada em Londres. A política de terror praticada pela Companhia foi descrita em relatórios oficiais e em diários posteriormente traduzidos e publicados no Brasil.

Os anos que Casement passou no Brasil foram decisivos para que ele se voltasse contra o imperialismo britânico. Converteu-se em nacionalista e buscou apoio alemão para a independência irlandesa, durante a Primeira Guerra. Em 1916, viajou da Alemanha para a Irlanda a bordo de um submarino com armas para o Levante de Páscoa, mas foi preso e levado à Torre de Londres. Apesar dos esforços internacionais, Casement foi enforcado por alta traição em 3 de agosto de 1916. O que determinou sua execução foi a descoberta de diários de conteúdo homossexual, os chamados *Black Diaries*, cuja autenticidade é, ainda hoje, questionada.

A peça documentário *As duas mortes de Roger Casement* (2016), de Domingos Nunez, e o filme *Segredos do Putumayo* (2022), dirigido por Aurélio Michiles e narrado pelo renomado ator irlandês Stephen Rea, com aclamação da crítica, contam a história desse fascinante irlandês.

Imortalizado em um poema de William Butler Yeats como um fantasma que continua batendo à porta das relações anglo-irlandesas, Casement nos legou um ativismo transnacional e uma contribuição para o que hoje se conhece como direitos humanos.

Segredos do Putumayo, 2022, dir. Aurélio Michiles, com o ator Stephen Rea na voz de Roger Casement
© 24VPS Filmes

Mapa das viagens de Roger Casement na Amazônia, *Roger Casement in Brazil: Rubber, the Amazon and the Atlantic World*, de Angus Mitchell, ed. Laura Izarra, 2010
© Editora Humanitas, São Paulo

AO LADO
Roger Casement no Putumayo
© Historical Views / Alamy

ZELUÍZ/2009
("BICO DE PENA" SOBRE RETRATO CEDIDO DO ACERVO DA FAMÍLIA ANDRADA, EM BARBACENA-MG)

NARCISA EMÍLIA O' LEARY DE ANDRADA E SILVA

NARCISA EMÍLIA O'LEARY DE ANDRADA E SILVA

PROFA. DRA. WILMA THEREZINHA FERNANDES DE ANDRADE

Narcisa Emília O'Leary nasceu por volta de 1770, em Cork. Órfã, foi levada pela tia Isabel para Lisboa. Casou-se, em 31 de janeiro de 1790, com o bacharel José Bonifácio de Andrada e Silva, nascido na Vila de Santos. O casal teve duas filhas: Carlota Emília e Gabriela Frederica.

José Bonifácio, com bolsa de Portugal, viajou dez anos por vários países europeus, acumulando saberes científicos. Narcisa Emília acompanhou-o em algumas viagens e, em cartas, lamentava a ausência do marido, chamando-o "meu querido Andrada".

Vieram para Santos, Narcisa Emília, Gabriela Frederica (casada), a filha solteira, Carlota Emília, e Narcisa Cândida (fora do casamento), bem aceita pela esposa. No sítio dos Outeirinhos viveram felizes. Em saraus, Narcisa cantava com bela voz de contralto, ao som de guitarra. Era bonita, morena, de cabelos presos, usava joias com pérolas. Gostava de música, ler, escrever e cantar.

A família mudou-se para o Rio de Janeiro, onde José Bonifácio, nomeado Ministro, articulou o processo da independência. Narcisa brilhou na alta sociedade. Maria Graham, inglesa, escreveu: "sua mulher é de origem irlandesa, uma O'Leary, senhora da maior amabilidade e gentileza". José Bonifácio declarou que tinha "uma amável e virtuosa companheira", comparou-a com "uma fresca rosa matutina", mas que não tinha "nervos robustos". Quando foi preso por motivos políticos, Bonifácio recebeu cama e roupas levadas por Narcisa.

Desterrados para Bordéus, França, viviam de empréstimos. Narcisa cuidava do lar e da Narcisinha. Depois de quase seis anos, puderam retornar ao Brasil.

A bordo do Fênix, dois dias antes de chegar ao Rio, Narcisa morreu repentinamente, com quase 60 anos. O Patriarca fez o enterro no Convento do Carmo, em 27 de agosto de 1829. O casamento durou 39 anos.

Narcisa Emília O'Leary de Andrada e Silva tolerou as traições do marido, conservando a harmonia do lar. Irlandesa culta, acompanhou a vida turbulenta do "meu querido Andrada".

Mulher de valor!

Retrato de José Bonifácio de Andrada e Silva, bico de pena sobre obra de Benedito Calixto, por Zeluiz, 2006

AO LADO
Retrato de Narcisa Emília O'Leary, bico de pena sobre retrato, por Zeluiz, 2009

Acervo da família Andrada em Barbacena, Minas Gerais

Meu querido Andrada

Narcisa Emilia de Andrada

Narcisa Emilia O'Leary lamentando a separação
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

FAMÍLIAS BRASILEIRAS DESCENDENTES DE IRLANDESES

PETER O'NEILL

Estima-se que existam mais de 70 mil brasileiros descendentes de irlandeses residindo principalmente nos estados do Amazonas, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

O *Dicionário das Famílias Brasileiras* (1999-2001), de Antônio Henrique Bueno e Carlos Eduardo Barata (eds.), lista cerca de dezoito famílias brasileiras de ascendência irlandesa desde o século XVIII: Archer, Browne, Colvill, Darcy, Dwyer, Fella, Hayden, Maxwell, O'Brien, O'Connor, O'Grady, O'Hanlon, O'Kane, O'Leary, O'Reilly e Rohan, duas das quais são notáveis – Belfort e Whitaker.

William (Guilherme) Whitaker (1794-1856) deixou numerosos e ilustres descendentes, entre eles José Maria Whitaker, que se tornou presidente do Banco do Brasil em 1920.

Lourenço (Lancelot) Belfort (1708-c.1777) foi um empresário irlandês que enriqueceu cultivando lavoura e criando gado em sua propriedade no Maranhão. Em 1756, construiu um sobrado em São Luís, o Solar dos Belfort, que existe até hoje, após restauração em 2015. Ele também construiu uma capela em homenagem a São Patrício em 1769. O Município de Belford Roxo, no Rio de Janeiro, deriva seu nome de um de seus descendentes, Raimundo Teixeira Belfort Roxo.

John Joaquim Fleming (1773-1849) foi um bem-sucedido imigrante irlandês que participou de um movimento revolucionário em São Paulo (junho-julho de 1842). Seus descendentes incluem Francisco de Almeida Fleming (1900-1999), que foi pioneiro do cinema brasileiro em Pouso Alegre (MG) aos 18 anos, e Thiers Fleming (1880-1971), que possuía a patente de Capitão de Mar e Guerra da Marinha do Brasil e recebeu a comenda "Ordem do Mérito Naval" em 1952. Hoje, a família Fleming soma cerca de 5000 pessoas!

Brasileiros de ascendência irlandesa conhecidos incluem Lorena Simpson, de Manaus (ascendência portuguesa/irlandesa) – cantora, dançarina e compositora; Cintia Dicker (ascendência alemã/irlandesa) – modelo e atriz; Prof. Dr. José Roberto O'Shea – Professor Titular da UFSC, shakespeariano e tradutor, inclusive de James Joyce; e Haroldo de Campos, *in memoriam* – escritor, estudioso de Joyce, coorganizador de várias comemorações do Bloomsday em São Paulo e que se orgulhava de sua linhagem materna irlandesa de Galway.

Solar dos Belfort, Maranhão
© Secretaria de Estado do Turismo, Governo do Maranhão

AO LADO, NO ALTO
Gravação do filme *In Hoc Signo Vicnes*, de Francisco de Almeida Fleming, 1924
© Museu Histórico Municipal Tuany Toledo

AO LADO, EMBAIXO, À ESQUERDA
José Maria Whitaker foi Ministro da Fazenda, Presidente do Banco do Brasil e Governador de São Paulo
© Arquivo Público do Estado de São Paulo

AO LADO, EMBAIXO, À DIREITA
Thiers Fleming, Capitão da Marinha do Brasil
© Robert de Greck
Coleção Famíia Fleming

S. PATRICIO
Apostolo de Irlanda

SÃO PATRÍCIO E OS MISSIONÁRIOS IRLANDESES

VINCENT DEELY

São Patrício é o santo padroeiro da Irlanda, e o Dia Nacional da Irlanda – 17 de março – é nomeado em sua memória. O Dia de São Patrício é uma celebração global do que significa ser irlandês e, no Brasil, tornou-se um grande evento. Em dezenas de cidades do país, os brasileiros celebram os laços com a Irlanda e desfrutam da comida, bebida, música e dança irlandesas. Todo dia de São Patrício, em muitos locais icônicos ao redor do mundo, monumentos brasileiros são iluminados de verde – incluindo o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, o Palácio dos Bandeirantes em São Paulo e o Teatro Amazonas em Manaus.

O primeiro missionário irlandês a chegar ao Brasil foi o jesuíta Thomas Field, de Limerick, em 1577. Trabalhou entre os tupis da Bahia e com os padres jesuítas José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, que fundaram uma missão católica, em 1554, que se tornou a cidade de São Paulo.

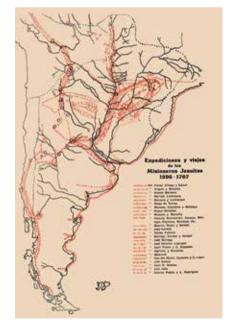
Milhares de missionários irlandeses de congregações religiosas masculinas e femininas trabalham no Brasil desde então: Jesuítas, Redentoristas, Dominicanos, Oblatos de Maria Imaculada, Sagrados Corações, Espiritanos, Missionários de São Patrício, Irmãs da Misericórdia, Irmãs do Santo Rosário, Dominicanas, Irmãs Ferrybank, entre outras.

Desde a década de 1960, missionários irlandeses têm se dedicado às populações mais pobres e desfavorecidas do Brasil, nas periferias das grandes cidades, em comunidades e por meio da capelania prisional. Seu trabalho envolve fortalecer a sociedade civil e dar voz a essas populações na sociedade brasileira.

Em 2019, Pe. Patrick Clarke foi agraciado com o *Presidential Distinguished Service Award*, pelo Presidente da Irlanda, Michael D. Higgins, em reconhecimento por 40 anos de serviços em benefício de populações marginalizadas na Vila Prudente, em São Paulo.

Segundo o Dr. Fernando Altemeyer Junior (PUC-SP), que trabalhou com missionários irlandeses em São Paulo por 20 anos, “os missionários irlandeses têm o mesmo senso de humor dos brasileiros, e têm desempenhado um papel fundamental na construção da democracia no Brasil”.

Impressão artística do Pateo de Collegio, local da fundação da cidade de São Paulo, que o Pe. Thomas Field S.J. ajudou a construir. Acrílica sobre tela, por Nilda Luz, *São Paulo ontem e hoje*, 2004
Acervo do Pateo do Collegio, São Paulo

AO LADO
São Patrício, Apóstolo da Irlanda
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Los Jesuitas y La Cultura Rioplatense, de Guillermo Furlong, S. J., 1933
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

COLONOS IRLANDESES

PETER O'NEILL

De acordo com Joyce Lorimer, em seu livro *English and Irish Settlement on the River Amazon – 1550-1646* (Colônia inglesa e irlandesa no rio Amazonas – 1550-1646), "por volta de 1612, os irmãos Philip e James Purcell estabeleceram uma colônia no Forte de Tauregue, na foz do rio Amazonas. Os colonos auferiram grandes lucros com tabaco, corantes e madeiras nobres. Mais tarde, Bernardo O'Brien, do condado de Clare, construiu um forte na margem norte do Amazonas e batizou o local de Coqueiral". A primeira língua de O'Brien e seus compatriotas na Amazônia era o irlandês.

Em 1828, no Rio de Janeiro, mercenários irlandeses recrutados pelo exército imperial para apoiar o Brasil no conflito com a Argentina participaram de uma revolta. Como resultado dessa revolta, 100 famílias irlandesas foram expulsas e enviadas de navio para fundar uma colônia agrícola em Ilhéus, na Bahia.

Após a Grande Fome na Irlanda, Pe. T. Donovan conduziu cerca de 300 emigrantes de Wexford para Monte Bonito, perto de Pelotas, na então província do Rio Grande (do Sul). As atividades da Colônia Agrícola Dom Pedro II (1852-1868) estão bem documentadas em três livros-caixa na Biblioteca Municipal de Pelotas, detalhando atas de reuniões, movimentações de caixa e fornecimento de material pela então prefeitura local. Quando a colônia se desfez, a maioria de seus membros foi para a Argentina ou para o Uruguai.

Agentes do governo brasileiro na Inglaterra e nos Estados Unidos promoveram ativamente a emigração para uma colônia próxima a Brusque, Santa Catarina: a Colônia Príncipe Dom Pedro (1867-1870). 246 irlandeses foram recrutados nas ruas de Nova York. Segundo William Scully, escrevendo no *Anglo-Brazilian Times* (1870), uma das principais razões pelas quais a colônia não prosperou foi a inadequação das terras agrícolas oferecidas.

XXXIV

1631 – etc.

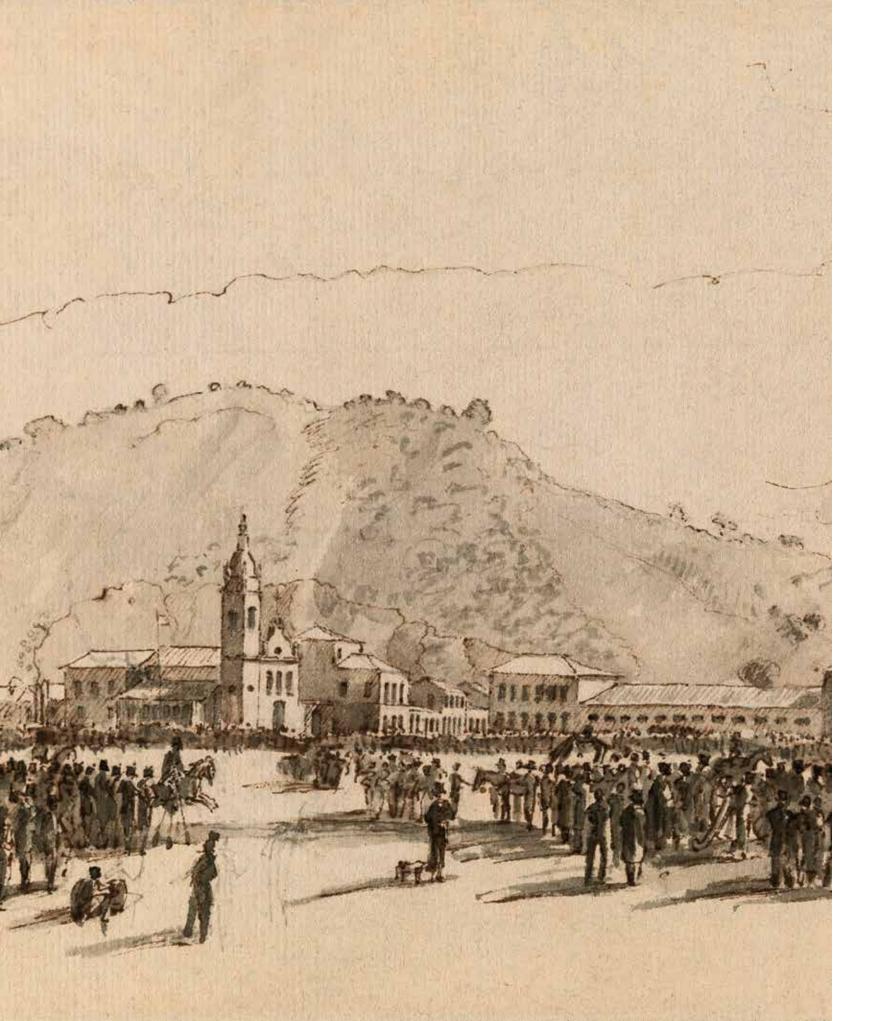
Papeis referentes á povoação do Rio das Amazonas – Projecto d'um Irlandez chamado Gaspar Chillan

Archivo Geral de Indias. 77-3-18.

Documento referente ao projeto do irlandês Gaspar Chillan (Jasper Sheehan) sobre a povoação do rio das Amazonas (1626-1632)
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

AO LADO
Mapa da Colônia Príncipe Dom Pedro, Brusque, Santa Catarina (1867-1870)
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

MERCENÁRIOS IRLANDESES

CHRISTOPHER BURDEN

Durante três dias turbulentos em junho de 1828, a cidade do Rio de Janeiro experimentou um incidente singularmente violento: uma revolta militar em larga escala liderada por mercenários irlandeses e alemães descontentes, e reprimida com a ajuda de africanos e escravos afro-brasileiros.

A história começou em 1826, quando o imperador Dom Pedro I despachou um oficial irlandês do exército brasileiro – o coronel William Cotter – para sua Irlanda natal, com o propósito de recrutar um batalhão de estrangeiros para reforçar suas tropas na guerra em curso com a nascente República Argentina.

Definindo o empreendimento como uma "colonização agrícola" – no intuito de contornar as restrições ao recrutamento de irlandeses em exércitos estrangeiros –, Cotter reuniu rapidamente uma força de 3.100 irlandeses, mulheres e crianças.

Ao chegarem ao Rio, os emigrantes receberam um ultimato: para receber as terras prometidas, todos os irlandeses aptos teriam que se alistar no Exército Imperial Brasileiro por quatro anos.

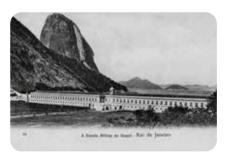
Indignada, a maioria se recusou a obedecer e foi deixada à míngua, com rações escassas, em quartéis improvisados. Algumas centenas, no entanto, cederam, iniciando uma rixa amarga com seus companheiros migrantes.

Quando mercenários alemães descontentes se revoltaram contra a punição brutal de um membro de seu próprio batalhão, seus camaradas irlandeses se juntaram a eles em uma arruaça desenfreada de três dias de destruição da cidade e seus habitantes.

Após um período de inação das autoridades (em uma cidade desprovida de tropas regulares para reprimir a rebelião), um batalhão cerimonial foi convocado às pressas e, auxiliado por milicianos locais e escravos armados, empurrou os mercenários de volta para seus quartéis e os bombardeou até a submissão.

Os sobreviventes irlandeses da revolta foram reunidos e enviados de volta para casa em uma jornada que a maioria nunca completaria. Dentro de três anos, o imperador abdicaria de seu trono, sua autoridade fatalmente corroída pelos recrutas que ele tinha buscado para sua salvação.

Nomes e idades de alguns dos mercenários
Arquivo Nacional do Brasil, Rio de Janeiro

AO LADO
Campo de Santana, quartel militar onde aconteceu a revolta
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Escola Militar da Praia Vermelha, Rio de Janeiro, onde os mercenários irlandeses (e alemães) assassinaram seu comandante
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

THE WESTERN & BRAZILIAN TELEGRAPH COMPANY, LIMITED. 2

(C.)

Number of Message

DATE STAMP OF OFFICE.

Charges to be paid by Receiver
O Destinario pagára os gastos.

Office of Origin / Escritorio da Origem. — Pernambuco
Handed in at / Entregue a
Sent out at / Expedida a

Name and Address of Receiver / Nome do Destinatario. — His Majesty the Emperor of Brazil.

We have the honor to announce that we have this day completed the last section of a complete system of Submarine Cables connecting this Empire with Portugal and Great Britain

Robert C. Halpin
Captain Commanding & Engineer of Expedition.

J. C. Laws
Electrician in Chief

Name of Sender / Nome do Transmittente.

Complaints respecting inaccuracy, delay, or incorrect delivery of any Telegram which has passed through the Company's Cables, should be addressed to the Company's Superintendent at Pernambuco, and must, in all cases, be accompanied by the actual form delivered.

Queixas de inexactidões demoras ou de entrega errada de qualquer Telegramma que tenha passado pelos Cabos da Companhia devem ser dirigidas ao Superintendente da mesma em Pernambuco, e em todo o caso ser acompanhada pela propria forma do telegramma entregue.

ENGENHEIROS IRLANDESES

PETER O'NEILL

Robert Halpin (1836-1894) foi o mestre-marinheiro de Wicklow que conectou o mundo por cabos telegráficos submarinos! O Brasil e a Europa estiveram ligados pela primeira vez quando Halpin, como capitão do CS Seine, lançou um cabo atlântico de Portugal a Recife, via Madeira e São Vicente. Em 22 de junho de 1874 enviou o seguinte telegrama de Pernambuco: "À Sua Majestade o Imperador do Brasil. Temos a honra de anunciar que concluímos neste dia o último trecho de um sistema completo de cabos submarinos que ligam este Império a Portugal e à Grã-Bretanha". Durante sua carreira, Halpin foi responsável pela instalação de mais de 40.000 quilômetros de cabos. Tinakilly, a casa de Halpin no condado de Wicklow, com vista para o mar da Irlanda, é agora o hotel Tinakilly Country House.

Hamilton Lindsay-Bucknall chegou ao Rio de Janeiro em 1873 como parte de uma comissão de telegrafista e engenheiros da Western and Brazilian Telegraph Company para inaugurar a instalação do cabo submarino de Halpin. Presenciou o momento em que o próprio imperador do Brasil desceu à praia onde estava o cabo, e depois foi o responsável por entregar telegramas a Dom Pedro II pessoalmente no Palácio Imperial, hoje Palácio de São Cristóvão, no Rio! Seu livro *A Search for Fortune, Autobiography of a Younger Son, a Narrative of Travel and Adventure* (Uma busca pela fortuna, autobiografia de um filho caçula, uma narrativa de viagens e aventuras) de 1878, escrito em Wicklow, descreve muitas de suas atividades. Uma delas dizia respeito a um projeto apresentado em seu nome ao imperador do Brasil em 1876 por um rico produtor de café, o conde de Nova Friburgo, para a construção de um túnel submarino de teleférico ligando as cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Previa-se que uma extensão da ferrovia transportaria o café do interior para o Rio. O projeto, no entanto, teve que ser abandonado devido ao seu alto custo e complexidade.

Hamilton Lindsay-Bucknall, *A Search for Fortune, Autobiography of a Younger Son, a Narrative of Travel and Adventure*, de Hamilton Lindsay Bucknall
© Daldy, Isbister & Co., Londres, 1878

AO LADO
Telegrama dirigido ao Imperador Dom Pedro II, sobre a inauguração da comunicação telegráfica submarina entre o Brasil e a Europa, em 1874
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

Selo comemorativo emitido pelos Correios da Irlanda em memória do Capitão Robert Halpin
© *An Post* (Correios da Irlanda), 2003

UM OFICIAL DA MARINHA, UM COMERCIANTE E UM MÉDICO

PETER O'NEILL

Bartholomew Hayden (1792-1857) foi um dos vinte irlandeses contratados a partir de 1823 pela Marinha Imperial Brasileira para consolidar a independência do Brasil de Portugal, que havia sido declarada por Dom Pedro I no ano anterior. Hayden estava presente quando o inimigo foi expulso de sua base principal na Bahia em 1823. Durante a Guerra da Cisplatina, de mais de dois anos, do Brasil contra a atual Argentina (1825-1828), Hayden capturou um corsário argentino e depois infligiu sérios danos às forças navais argentinas lideradas por seu compatriota irlandês, William Brown. Hayden comandou dez navios e encerrou sua distinta carreira como Capitão de Mar e Guerra .

Em seu livro *Findlaters, The Story of a Dublin Merchant Family*, Alex Findlater lembra-se de que

> em 1831 houve uma revolução no Brasil, e Dom Pedro I abdicou. Adam, um membro da família que estava no Brasil havia oito anos, estabelecera uma parceria comercial como Miller & Findlater. Durante tumultos no Rio de Janeiro, as instalações da empresa foram incendiadas. A empresa mudou-se para a Bahia. Tecidos confeccionados e têxteis foram embarcados para a Bahia, e açúcar e algodão de volta para a Europa.

Os livros da empresa (1830-1839) sobreviveram e revelaram a exportação de grandes quantidades de cerveja escura engarrafada durante esse período, fabricada por Arthur Guinness e vendida como *Pure Dublin Porter*, da Findlater, com rótulos de garrafa representando trevos!

Dr. Ricardo Gumbleton Daunt (1818-1893), nascido em Kilcascan Castle, condado de Cork, foi um pioneiro da medicina de saúde pública no Brasil. Em 1843, chegou ao Rio de Janeiro. Partiu de São Paulo para Campinas em 1845, onde desempenhou papel de destaque como protetor das tradições locais e como médico dos pobres e defensor de pessoas com deficiência. Foi político e dominava mais de dez idiomas. Era um genealogista obcecado e conquistou fama como um luminar da Medicina.

Batholomew Hayden
© Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha do Brasil

AO LADO
Fazenda Soledade - Campinas, 1850, por Henrique Manzo
Acervo do Museu Paulista da USP

Quadro de Dr. Ricardo Daunt, por Nazareth Marques
© Nazareth Marques
Academia Campinense de Letras

THE ANGLO-BRAZILIAN TIMES.

OFFICE, No 39 RUA DO SABÃO

Notice to subscribers and advertisers.

Persons desirous of subscribing for this paper, or of advertising in it, will please apply to Mr. George Street 30 Cornhill, London, who is authorized to receive subscriptions and advertisements. Subscription £2,2 per annum. Advertisements 3s/6d per Inch of Column, for single insertions If inserted six consecutive months an abatement of 10 per cent will be made.

OUR INCOMING COUNTRYMEN

WHERE AND HOW TO SETTLE.

Some three hundred immigrants from the central parts of Ireland are soon to follow the small party of Englishmen who arrived a few weeks ago, and a serious question arises as to where and how they ought to settle — a question, which if important to them is not less to this country, for on its successful solution depends whether the blossoming immigration from the British Isles will be nipped in the bud and checked for many a long year, or whether, through success, the first settlement result in becoming a nucleus of attraction to the thousands who annually leave the shores of Great Britain and Ireland to found new homes in other lands.

The first consideration which presents itself is that the less the change which will occur to them in their new country, as agriculturists, the better for their prospects of success; that climate, cultures, habits may remain unaltered as far as possible, and thus the experience of their former life may not be rendered improfitable or, what is generally the case with emigrants to the Americas, a positive disadvantage to them.

The second is, that the salable products of their labor and farms should be such as will bear the heavy cost of transport over the curse of Brazil — its disgraceful roads — to a profit-paying market.

These considerations can be achieved, in a great degree at least, if the settlement be made upon the prairie lands of the southern provinces, where the climate is an improved form of that of their native

By purchasing, as we have above suggested an estate of suitable size they could settle themselves on homes at a much lower cost than in any other way attainable in Brazil; and, besides this important advantage, they would form a compact society in which the poorer could aid the richer with their labor and aid themselves with that labor's wages, they could have their clergyman, their teachers, and their mechanics, and obviate in great measure all the difficulties of a foreign language and foreign customs until time made both familiar to them.

From all the sources from which we have gathered knowledge of the province of Paraná we have learned that the climate of the uplands (above the serra) of the province is invigorating, agreeable and healthy, in both timber land and prairie, in a very high degree, that even along the large rivers it is salubrious, unless in points where their banks are subject to inundations. Everywhere clear streams and rivulets abound, and with the abundance of timber surrounding, or in « islets » on the prairies, give these a marked and advantageous contrast with the bare and almost waterless condition of the greater part of the Argentine Confederation and, as well, of the United States' prairies lying west of the Missouri.

Unfortunately, while the timber lands of Brazil are, in general of a very fine quality of productiveness, the prairie lands of the Empire do not enjoy an equal reputation for richness, and Brazilians prefer the former for their plantations. Still the advantages of the prairies are so great, above all to persons unfamiliar with farming in wooded lands, that a comparative poverty of soil finds many valuable compensations in its ease of culture, in its manageability, in the facility of movements and in the pastures which cover it perennially in southern Brazil.

The wooded and prairie lands of Paraná are among the finest of Southern Brazil, and the latter fatten annually many thousands of animals brought from the south for sale in S. Paulo.

Among the various accounts published by us respecting this province was one extracted from the geological part of the report of the German civil engineers Messrs Keller and Brunn, who had spent many years in explorations in it and who had paid especial attention to its prairies.

UM FOTÓGRAFO, UM EDITOR E UMA ZOÓLOGA

PETER O'NEILL

Frederick Walter é talvez a personalidade mais pitoresca associada ao início da fotografia no Brasil, pois combinou suas atividades como fotógrafo e professor com suas atividades como mágico! Desembarcou em Fortaleza em 1847 com "equipamento de câmera de daguerreótipo e uma série de instrumentos mágicos". Nenhum de seus trabalhos sobreviveu; no entanto, um de seus alunos, Joaquim Insley Pacheco, foi nomeado "Fotógrafo da Casa Imperial" (1855), no Rio de Janeiro, pelo Imperador do Brasil, Dom Pedro II, ele próprio fotógrafo competente desde a idade de quatorze anos.

William Scully (1821-1885), nascido no condado de Tipperary, foi um jornalista e empresário que migrou para o Rio de Janeiro no final da década de 1850 ou início da década de 1860, após a Grande Fome na Irlanda. No Rio de Janeiro, tornou-se proprietário e editor por quase vinte anos do *The Anglo-Brazilian Times* (1865-1884), descrito em seu cabeçalho como um jornal "político, literário e comercial". Fundou também a Sociedade Internacional de Imigração. Segundo Scully, a imigração irlandesa para o Brasil foi "cortada pela raiz" e nunca teve sucesso devido ao colapso de uma colônia irlandesa, Príncipe Dom Pedro, em Santa Catarina, após uma súbita retirada de fundos entre 1868 e 1869.

Cynthia Longfield (1896-1991), "Madam Dragonfly", nasceu em Londres, de pais anglo-irlandeses cuja casa ancestral situava-se em Cloyne, condado de Cork. Era uma cientista independente, especializada em libélulas, e viajou extensivamente por todo o mundo. Em 1927, participou de uma expedição científica de seis meses ao Mato Grosso, onde coletou 38 espécies de libélulas, três das quais eram antes desconhecidas. Duas espécies são nomeadas em sua homenagem. Doou sua biblioteca, com cerca de 500 volumes, e seu arquivo pessoal, com dezesseis manuscritos detalhando as espécies que ela pesquisou no Brasil, para a Royal Irish Academy, em Dublin.

Joaquim Pacheco, aluno de Frederick Walter, que se tornou fotógrafo da Corte Imperial do Rio
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

AO LADO
Matéria no *Anglo-Brazilian Times*, 23 de março de 1868, incentivando a migração irlandesa para o Brasil
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

ABAIXO
Desenho de Cynthia Longfield, por Szab Kariko, *Abrindo caminhos: vidas e legados de mulheres na diáspora irlandesa*, Department of Foreign Affairs of Ireland and EPIC – The Irish Emigration Museum, 2020
© Szab Kariko (skariko.com)

O BRASIL POR AUTORES IRLANDESES

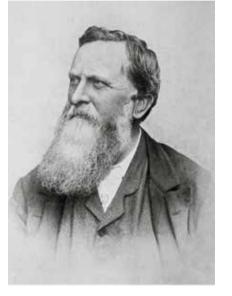
Há pelo menos cerca de vinte relatos sobre o Brasil por autores irlandeses, desde a descrição detalhada do Rio de Janeiro por John White, cirurgião-chefe da chamada "Primeira Frota", até a Austrália, no final do século XVIII, aos diários da Amazônia de Roger Casement, no início do século XX.

No Brasil do século XIX, em especial, merecem destaque os seguintes autores:

Robert Walsh (1772-1852), nascido em Waterford, foi capelão anglicano da missão britânica no Rio de Janeiro por oito meses (setembro de 1828 a maio de 1829). Seu livro, *Avisos do Brasil em 1828 e 1829* (2 vols., 1830), é um dos relatos mais interessantes sobre o país nos anos seguintes à independência de Portugal. O livro também investiga a insurreição de 1828 de mercenários irlandeses e alemães.

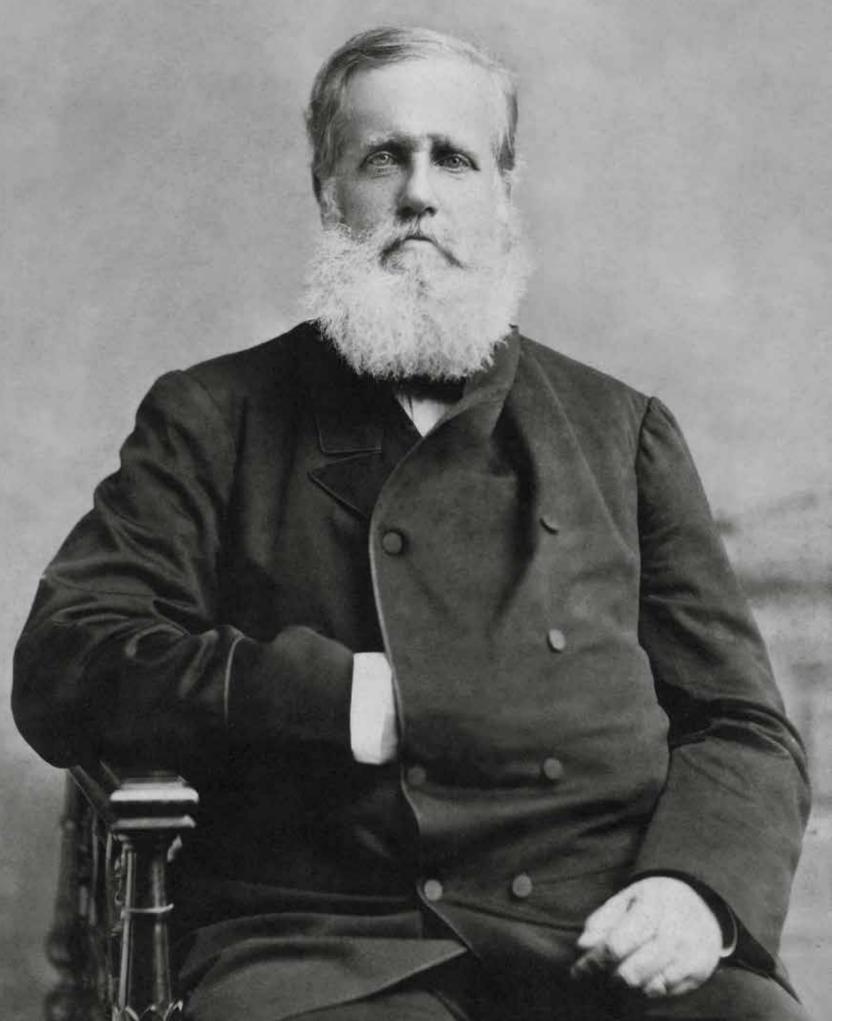
William Scully (1821-1885), nascido no condado de Tipperary, foi proprietário e editor do semanário *Anglo-Brazilian Times* por quase vinte anos (1865-1884). Seu livro, *Brasil, suas províncias e principais cidades* (1866, 2ª. ed. 1868), é essencialmente um prospecto para investidores e um guia para emigrantes britânicos e irlandeses com destino ao Brasil.

Michael Mulhall (1836-1900), nascido em Dublin, foi cofundador, em 1861, e coeditor do *Buenos Ayres Standard*, o primeiro jornal diário em língua inglesa publicado na América do Sul. Escreveu dois livros após visitas ao Brasil: *Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs* (1873) e *Viagem a Mato Grosso* (1879). Ele também publicou (com seu irmão Edward T. Mulhall) *Handbook of Brazil* (1877), um guia, província por província, destinado a investidores e outros com interesses comerciais no Brasil.

Marion M. Mulhall, nascida Murphey (1847-1922), em Balbriggan, norte de Dublin, acompanhou o marido em ambas as visitas ao Brasil. Foi autora de *From Europe to Paraguay and Matto-Grosso* (1877) e *Between the Amazon and the Andes* (1881). Sua descrição do Rio Grande do Sul inclui observações sobre imigrantes alemães, irlandeses e galeses naquela província.

Michael Mulhall, no livro de Marion Mulhall, *Explorers in the New World*, 1909
© Longmans Green and Co.

AO LADO
Um novo mapa do Brasil de 1866, por George Philip e filho, publicado por William Scully
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

DOM PEDRO II NA IRLANDA

PETER O'NEILL

A cobertura jornalística irlandesa do Brasil começou no século XIX com artigos sobre temas como emigração para o Brasil; escravidão; o estabelecimento das comunicações telegráficas entre o Brasil e a Europa; a Grande Seca no Brasil; e a expulsão do Imperador Dom Pedro II e sua família do país.

Doze anos antes, o Imperador e sua esposa visitaram a Europa com uma pequena comitiva. Como parte dessa jornada, eles fizeram uma viagem particular de cinco dias à Irlanda, de 7 a 11 de julho de 1877, incluindo Belfast, a Calçada dos Gigantes, Dublin, Killarney e Cork. A visita praticamente não foi noticiada no Brasil, mas recebeu ampla cobertura da imprensa irlandesa, como, por exemplo, no *Belfast News Letter* e no *The Irish Times*.

O principal motivo da visita do imperador foi inspecionar o então maior telescópio do mundo, em construção em Dublin para exportação para a Áustria.

Dom Pedro II chegou a Belfast de navio, onde foi recebido pelo Vice-cônsul brasileiro. De lá, visitou uma atração turística, a Calçada dos Gigantes. Naquela mesma noite, já estava em Dublin, visitando a cervejaria Guinness! O imperador se hospedou no Shelbourne Hotel.

Os lugares que visitou refletiam sua curiosidade intelectual sobre diversos assuntos, por exemplo: o Jardim Botânico (botânica); o túmulo do líder nacionalista irlandês Daniel O'Connell no cemitério de Glasnevin (história); Trinity College (química); a Galeria Nacional (arte e esculturas); o Royal College of Surgeons (medicina); e a Royal Irish Academy (antigos manuscritos irlandeses), onde a Imperatriz demonstrou interesse em livros do escritor e poeta irlandês Thomas Moore. De Dublin, o grupo pegou um trem para os belos Lagos de Killarney e seguiu para uma rápida visita a Cork, sua universidade e o Butter Market – o maior mercado do mundo na época.

Na imprensa irlandesa, Dom Pedro ganhou fama de estar coletando informações a serem aplicadas em seu retorno, em benefício de seus súditos.

Lembrança da viagem, 9 de julho de 1877, "Retrato da neta da chamada Gap's Queen. Foi-me dado por ela (sic) quando serviu-me por assim dizer de guia entre o Gap de Dunloe (desfiladeiro muito pitoresco) até a margem do Upper Lake, Killarney". *História de D. Pedro II, 1825-1891*, de Heitor Lira, 1977
© Itatiaia, Belo Horizonte; Edusp, São Paulo
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

AO LADO
Dom Pedro II no século XIX
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

PROF. DR. BRUCE STEWART

CLÁSSICOS DA LITERATURA IRLANDESA

Clássicos da literatura irlandesa encontram-se disponíveis no Brasil desde a publicação de *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, no Rio de Janeiro, em 1888. Embora compartilhem características de um regime colonial, autores e obras distinguem-se de meros conquistadores, em seu senso de irlandesidade e em sua maneira, muitas vezes refratária, de explorar o mundo social e cultural ao seu redor.

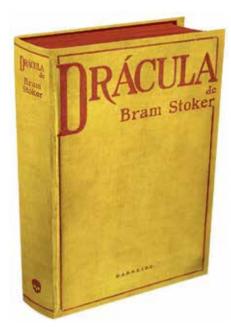
Jonathan Swift (1667-1745) trabalhou como escritor de panfletos políticos em Londres antes de aceitar a nomeação de Reitor da Catedral de São Patrício em sua cidade natal, Dublin. Lá ele escreveu a sátira mais ardente sobre a natureza humana, talvez em qualquer idioma: *As Viagens de Gulliver* (1726).

Laurence Sterne (1713-1768), em uma veia bem diferente, inaugurou o meta-romance cômico com *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy* (1760).

Edmund Burke (1729-1797) tornou-se o orador parlamentar mais famoso de seu tempo e um virulento expoente de uma forma de conservadorismo benigno com a qual se opôs à violência política da época em *Reflexões sobre a Revolução Francesa* (1790), por exemplo.

Bram Stoker (1847-1912) ganhou fama mundial com *Drácula* (1897), em que um vampiro aristocrático da Transilvânia desafia a morte alimentando-se do sangue de jovens inglesas – uma suposta imagem sombria do colonialismo inglês na Irlanda.

Oscar Wilde (1854-1900) demonstrou extraordinária capacidade de provocar a vaidade de seu público de língua inglesa com peças incomparavelmente espirituosas. É de longe o autor irlandês mais traduzido no Brasil, com obras como *A importância de ser fiel* (1895), à qual acrescentou o subtítulo – *uma comédia trivial para gente séria*.

Da sociedade fraturada que esses escritores habitaram – e muitas vezes deixaram para trás – surgiram, mais tarde, as vozes modernistas de W.B. Yeats e James Joyce, Flann O'Brien e Brian Friel, misturando visões sociais e culturais irlandesas e inglesas de novas e, muitas vezes, inquietantes maneiras.

Drácula, de Bram Stoker, primeira edição no Brasil, 1897
© Darkside

AO LADO
Ilustração de *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, 1888 – o primeiro livro de um autor irlandês publicado no Brasil
Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

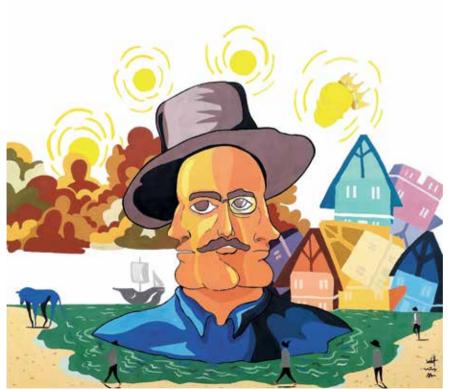
ABAIXO
Oscar Wilde, c. 1882
© Napoleon Sarony / Alamy

James Joyce

Prof. Dr. Caetano Galindo

Ulysses de James Joyce (1882-1941) é muito possivelmente o maior de todos os romances. E ponto final.

Desde sua publicação, em 1922, o livro vem fascinando e desorientando leitores e críticos com a radicalidade de sua abordagem da vida cotidiana dos cidadãos de Dublin. Sua inventividade linguística e formal, bem como seu inabalável otimismo diante das mazelas de uma sociedade financeiramente desfavorecida, e também diante de todas as agruras e dissabores da condição humana, parecem ter falado muito de perto ao coração dos brasileiros.

Hoje, por exemplo, a língua portuguesa é o idioma que conta com mais traduções do romance de Joyce. Só no Brasil já há quatro versões diferentes, três já publicadas e uma a caminho. Entre nós também é constante a atividade de celebração do "Bloomsday", a festa que, no dia 16 de junho, comemora em todo o mundo a data em que se passa a ação do *Ulysses*. Música, memória, alegria e agradecimento dão a tônica desses eventos que há décadas acontecem em São Paulo, no Rio Grande do Sul e, com o passar do tempo, também em muitos outros estados.

Selo *Ulysses*, lançado pelos Correios do Brasil, em parceria com a Embaixada da Irlanda, em junho de 2022, para comemorar o centenário de *Ulysses*
© Correios do Brasil

AO LADO
Retrato de James Joyce, por Jacques Emile Blanche, 1934
© Jacques Emile Blanche
National Gallery of Ireland

Mural do capítulo 3 de *Ulysses* (Proteu), por William Lacerda Reis Galdino e Luís Arthur Santos, alunos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 18 murais – um para cada capítulo do livro – foram escolhidos entre 200 inscritos, de universidades de todo o Brasil, como parte de um concurso para comemorar o centenário de *Ulysses*, organizado pela Embaixada da Irlanda em Brasília.
© William Lacerda Reis Galdino e Luís Arthur Santos

Os outros livros de Joyce também têm sido traduzidos e retraduzidos no Brasil. Sua poesia, sua peça de teatro (*Exilados/Exílios*, 1918), seus contos (*Dublinenses*, 1914), seu primeiro romance (*Um retrato do artista quando Jovem*, 1916) – e até obras póstumas, como o fragmento do manuscrito da primeira versão do *Retrato* (*Stephen Herói*, 1944), cartas e ensaios. Mesmo sua última obra, *Finnegans Wake* (1939), romance que muitos consideram ilegível, já foi traduzido duas vezes entre nós, com mais dois processos de tradução em andamento.

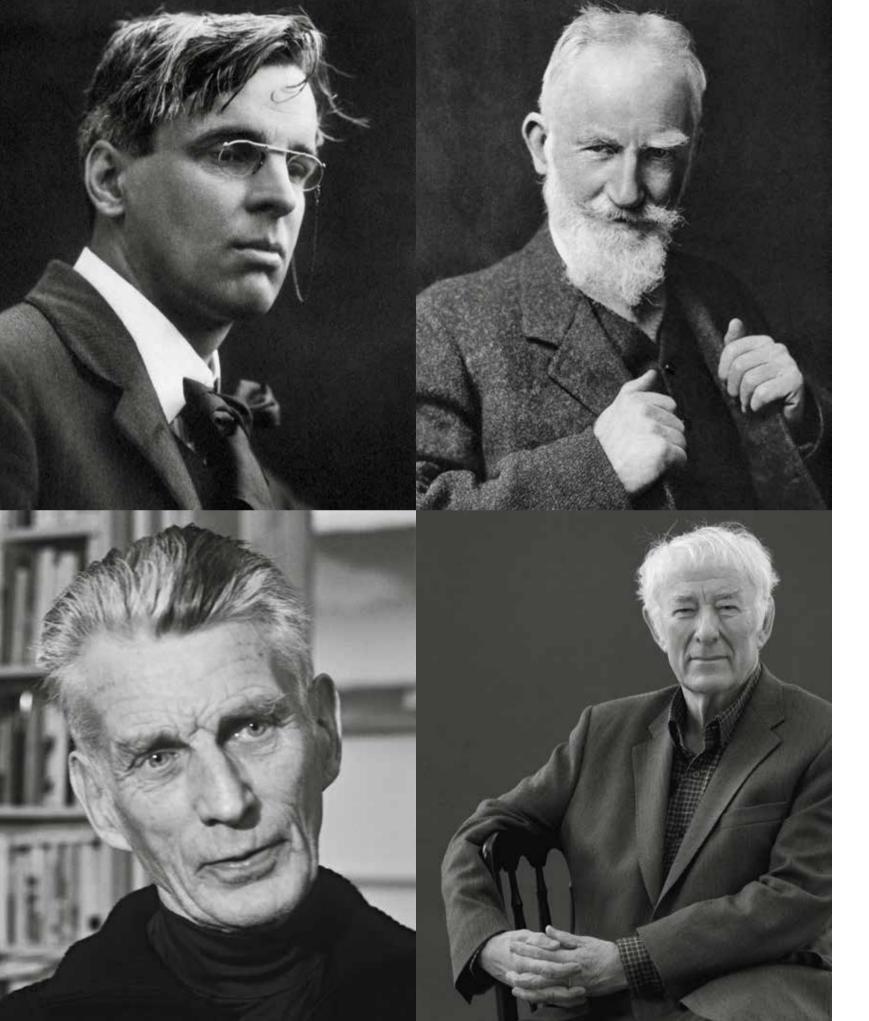
Joyce, que inclui referências ao Rio de Janeiro em *Ulysses* e *Finnegans Wake*, e que recentemente tomou de assalto nossos palcos com a fantástica Molly Bloom de Bete Coelho, por certo gostaria de se ver reconhecido, tantos anos depois, como cidadão honorário da nossa república carnavalizada das letras.

AO LADO
Mural do capítulo 5 de *Ulysses* (Lotófagos), por Brenda Klein, aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
© Brenda Klein

Mural do capítulo 10 de *Ulysses* (Rochedos Errantes), por Beatriz Denoni Pereira, aluna da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto
© Beatriz Denoni Pereira

ABAIXO
Bete Coelho, como Molly Bloom, e Robert Audio, como Leopold Bloom, em *Molly Bloom*, adap. Caetano Galindo, dir. Daniela Thomas e Bete Coelho, Sesc Avenida Paulista, 2022
© Matheus José Maria / Sesc São Paulo

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

PROF. DR. JOSÉ ROBERTO O'SHEA

Nada menos que quatro irlandeses receberam o Prêmio Nobel de Literatura: William Butler Yeats (1865-1939), George Bernard Shaw (1856-1950), Samuel Beckett (1906-1989) e Seamus Heaney (1939-2013).

Yeats (1923): poeta, ensaísta, missivista e dramaturgo dublinense, filho e irmão de pintores, Yeats frequentou a Escola de Arte, em Dublin, mas abandonou a arte para dedicar-se à literatura. Nacionalista interessado em lendas e tradições irlandesas, além de ocultismo, Yeats empenhou-se na criação do Teatro Nacional da Irlanda, sobretudo a partir da encenação da peça *A Condessa Cathleen* (1899) - publicada no Brasil em 1963.

Shaw (1925): outro dublinense, livre pensador e defensor dos direitos da mulher, Shaw foi autor tão versátil quanto prolífico. Escreveu ficção, ensaios, crítica literária, teatral e musical, e mais de 50 peças teatrais, ressaltando-se *A profissão da Senhora Warren* (1902) e *Pigmalião* (1913), ambas publicadas e encenadas com sucesso no Brasil. Os extensos e célebres prefácios às peças evidenciam a heterodoxia reformista, o humor e a mordacidade brilhantes do autor.

Beckett (1969): nascido perto de Dublin, Beckett estudou inglês, francês e italiano em Trinity College Dublin, antes de ser *lecteur d'anglais*, na École Normale Superieure, em Paris. Beckett conheceu Joyce, cuja obra propiciou seu primeiro ensaio publicado. Sua obra abrange tradução, crítica literária, poesia, ficção curta e longa, além de teatro, destacando-se *Esperando Godot* (1953) e *Fim de partida* (1957), que ensejam sua associação com o Teatro do Absurdo e intrigam o público brasileiro.

Heaney (1995): nascido na Irlanda do Norte, Heaney frequentou Queen's University Belfast. Depois, foi docente em Queen's, Harvard e Oxford. Dramaturgo, tradutor, ensaísta e poeta, sua primeira poesia enraíza-se em experiências da juventude, expressas com sutileza, concisão e lirismo. A poesia subsequente tematiza implicações culturais e históricas das palavras, bem como seu emprego em contextos sociais e políticos, além de conter tocantes elegias. No Brasil, cumpre mencionar a coletânea *Poemas - 1966-1987* (1990). Perguntado como era receber o Nobel na esteira de Yeats, Shaw e Beckett, Heaney respondeu: "É como ser um morrinho ao pé de uma cordilheira".

NO ALTO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
William Butler Yeats, 1911
© George Charles Beresford / Alamy

George Bernard Shaw, c. 1935
© Alamy

EMBAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
Samuel Beckett, 1977
© Bibliothèque Nationale de France / Alamy

Seamus Heaney no Edinburgh Book Festival, 2010
© P. Keightley / Lebrecht / Alamy

LITERATURA IRLANDESA CONTEMPORÂNEA

PROFA. DRA. LAURA P.Z. IZARRA

A literatura irlandesa é a matriz dos Estudos Irlandeses no Brasil. Esta exposição destaca escritores irlandeses cujas obras foram objeto de traduções, teses, pesquisas e encenações brasileiras, ou que visitaram o Brasil, incluindo autores convidados para a Festa Literária de Paraty e muito apreciados pelo público: Colm Tóibín, Anne Enright, Edna O'Brien, Colum McCann e John Banville.

No início e até meados do século XX, a literatura irlandesa foi liderada por Shaw, Yeats, O'Casey, Joyce e Beckett, entre outros. George Moore e Joyce estabeleceram o conto irlandês, uma tradição continuada por Sean O'Faolain, Frank O'Connor, Liam O'Flaherty, Elizabeth Bowen e Mary Lavin, abrindo caminho para o sucesso e riqueza do conto irlandês de hoje.

A visão da Irlanda foi redefinida nas décadas de 1950 e 1960 por autores como Edna O'Brien e John McGahern, enquanto escritores como Kate O'Brien, Brian Moore, William Trevor e Elizabeth Bowen tiveram que viver no exterior devido a questões práticas de censura e à estrutura da indústria editorial.

Nas décadas de 1960 e 1970, a Irlanda do Norte teve um renascimento poético, com Derek Mahon, Michael Longley, Seamus Heaney, Ciaran Carson, Tom Paulin, Paul Muldoon e Medbh McGuckian criando uma tendência original. Alguns deles, como Heaney, também experimentaram a vida na República com outros contemporâneos como Michael Smith, Paul Durcan, Michael Hartnett, Seamus Deane, Maurice Harmon e Macdara Woods.

Após a década de 1970, escritores radicados na Irlanda passaram a dirigir-se a um público global, com narrativas mais cosmopolitas e autorreflexivas. John Banville, Colm Tóibín, Anne Enright, Roddy Doyle e Patrick McCabe foram amplamente reconhecidos. Assim como Francis Stuart, Aidan Higgins e Sebastian Barry, eles trabalharam com estratégias derivadas de Joyce, Flann O'Brien e Beckett, produzindo uma obra experimental, intimista e inovadora, transformando ideias de pertencimento e senso de identidade. Nas décadas de 1980 e 1990, Dermot Bolger e Roddy Doyle abordaram os contrastes e conexões entre a Irlanda atual e um passa-

NO ALTO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
O furgão, de Roddy Doyle (1998), trad. Lídia Luther
© Editora Estação Liberdade, São Paulo

Uma mulher escandalosa, de Edna O'Brien (1982), trad. Luísa Lago
© Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro

EMBAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
Quarto, de Emma Donoghue (2011), trad. Vera Ribeiro
© Editora Verus, Rio de Janeiro

Melancia, de Marian Keyes (2002), trad. Sônia Coutinho
© Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro

O arquivo Dalkey, de Flann O'Brien (1987), trad. Maurício Reinaldo Gonçalves
© Companhia das Letras, São Paulo

Arquivo Artemis Fowl, de Eoin Colfer (2005), trad. Alves Calado
© Editora Record, Rio de Janeiro

Lendo no escuro, de Seamus Deane (1998), trad. Beatriz Horta
© Editora Record, Rio de Janeiro

do imaginado, retratando a vida urbana e suburbana no presente – respondendo a filmes e ao rock e dando maior visibilidade à sexualidade na Irlanda.

A década de 1990 e o início do século XXI viram um retorno do gótico. A tradição de Sheridan Le Fanu e Bram Stoker inspirou escritores, como Anne Enright, a trazer de volta a história de fantasmas e a sensação de ser assombrado ou deslocado. Essas obras movem a ação para paisagens surreais ou fantásticas, como os romances *noir* da série de ficção policial psicológica de Banville (sob o pseudônimo de Benjamin Black) e os livros de literatura fantástica infantil de Eoin Colfer, *best-sellers* no Brasil. As narrativas de Emma Donoghue ampliaram as fronteiras tanto de gênero quanto de nação. Nesse aspecto, outras mulheres poetas e escritoras de ficção indelével incluem Eavan Boland, Eiléan Ní Chuilleanáin, Moya Cannon, Claire Keegan, Nuala Ní Chonchúir, Éilís Ní Dhuibne, Paula Meehan e Mary O'Donnell. Marian Keyes e Cecelia Ahern, deve-se ressaltar, estão entre os autores irlandeses mais vendidos no Brasil.

O boom do "Tigre Celta", nas décadas de 1990 e 2000, foi importante na construção da história da Irlanda por meio da literatura. Na Irlanda do Norte, Glenn Patterson escreveu uma ficção assombrosa sobre a violência pública e privada no Norte. Roddy Doyle, Joseph O'Connor, Sebastian Barry, Lia Mills, Mary Morrissy, Síofra O'Donovan e John Boyne escreveram meditações sobre o passado irlandês, visto através da experiência de excluídos e grupos marginalizados. Questões de emigração e imigração aparecem na obra de Frank McCourt, Colm Tóibín, Colum McCann e Hugo Hamilton.

As mudanças econômicas provocadas pelo "Tigre" desencadearam um fluxo de imigrantes, inaugurando uma nova Irlanda multicultural. Outrora um país de emigrantes, a Irlanda tornou-se uma utopia para imigrantes e requerentes de asilo, o que suscitou um novo debate e uma nova agenda que transformou a própria noção de irlandesidade. A produção literária recente é sustentada por questões de marginalidade, etnia e raça. Nas últimas décadas, escritores como Melatu Uche Okorie (nascida na Nigéria) e Adiba Jaigirdar (Bangladeshi-irlandês) ganharam bastante visibilidade pública.

Hoje, as vozes de uma nova geração de escritores irlandeses – incluindo Neil Hegarty, Kevin Power, Niamh Campbell, Colin Barrett, Donal Ryan, Naoise Dolan, Louise Nealon, Sally Rooney, Eimear McBride, Jessica Traynor, Emilie Pine e Sinéad Gleeson – estão também sendo ouvidas deste lado do Atlântico. Ecoando o poema "Scaffolding", de Seamus Heaney, novas formas literárias imaginárias estão sendo testadas para a consolidação das pontes entre a Irlanda e o Brasil – e "[n]ós podemos deixar os andaimes cair/ Confiantes de que construímos nosso muro".

Nó na garganta, de Patrick McCabe (1997), trad. Lidia Cavalcante-Luther
© Geração Editorial, São Paulo

O encontro, de Anne Enright (2008), trad. José Rubens Siqueira
©Alfaguara/Objetiva, Rio de Janeiro

História da Noite, de Colm Tóibín (1998), trad. Rubens Figueiredo
© Editora Record, Rio de Janeiro

TEATRO IRLANDÊS

PROFA. DRA. BEATRIZ KOPSCHITZ BASTOS

O teatro irlandês tem cativado o público brasileiro com obras clássicas e contemporâneas há mais de um século. *Salomé* (1896), de Oscar Wilde (1854-1900), estreou no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1920. Desde então, Wilde tem instigado nossas plateias com peças espirituosas e críticas. *A importância de ser prudente* (1895), considerada sua obra-prima para o palco, foi produzida pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em 1950. Eduardo Tolentino resgatou o espírito satírico do texto, como *A importância de ser fiel*, com o Grupo TAPA, em 2002.

Pigmalião (1913) foi a primeira peça de George Bernard Shaw (1856-1950) encenada no Brasil – como *Pygmalione*, no Theatro Municipal de São Paulo, em 1927. Hoje, o teatro de ideias de Shaw continua a fascinar espectadores com obras como *O dilema do médico* (1906), com o Círculo de Atores, dirigida por Clara Carvalho, em 2023.

Do repertório do Abbey Theatre, o Teatro Nacional da Irlanda, destacam-se: *A sombra do desfiladeiro* (1904), de John Millington Synge (1871-1909), dirigida por Maria Clara Machado, com tradução de Oswaldino Marques, no teatro O Tablado, em 1956, e *Juno e o pavão* (1924), de Sean O'Casey (1880-1964), dirigida por Augusto Boal, com tradução de Manuel Bandeira, no Teatro de Arena, em 1957.

Cartaz de *A Importância de ser prudente*, de Oscar Wilde, Teatro Brasileiro de Comédia, São Paulo, 1950
Acervo Biblioteca Jenny Klabin Segall / Museu Lasar Segall / Ministério da Cultura

Riva Nimitz, Sadi Cabral, Esther Guimarães, Oduvaldo Vianna Filho, Gianfrancesco Guarnieri e Flávio Migliaccio em *Juno e o pavão*, de Sean O'Casey, dir. Augusto Boal, Teatro de Arena, São Paulo, 1957
Acervo Instituto Augusto Boal

AO LADO
Germano Filho e Sônia Cavalcanti em *A sombra do desfiladeiro*, de J.M. Synge, dir. Maria Clara Machado, O Tablado, Rio de Janeiro, 1956
Acervo O Tablado

Alexandre Borges, como Vladimir, e Marcelo Drummond, como Estragão, em *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, dir. José Celso Martinez Corrêa, Sesc Pompeia, São Paulo, 2022
© Evelson de Freitas / Sesc São Paulo

A obra mais conhecida de Samuel Beckett (1906-1989), *Esperando Godot* (1953), foi traduzida por Esther Mesquita e dirigida por Alfredo Mesquita, na Escola de Arte Dramática e no TBC, em 1955, e o existencialismo tragicômico da peça inspira produções até hoje. A montagem de José Celso Martinez Corrêa, no Teatro Oficina e Sesc Pompeia, em 2022, confirmou a contemporaneidade de Beckett.

Marina Carr (1964-) é uma das poucas dramaturgas irlandesas já encenadas no Brasil. A tragédia moderna *No Pântano dos Gatos...* (1998), traduzida por Alinne Fernandes e dirigida por Domingos Nunez, foi apresentada como leitura dramática pela Cia Ludens, em 2017.

A Cia Ludens, sob a direção de Domingos Nunez, dedica-se exclusivamente ao teatro irlandês. O catálogo da companhia inclui peças de Shaw, Yeats, Synge, O'Casey, Brian Friel, Tom Murphy, Marie Jones, Vincent Woods, Owen McCafferty, Hugo Hamilton, Mary Raftery, Colin Murphy e Rosaleen McDonagh, dentre outras. Com esse repertório, a Cia Ludens tem encantado plateias no Brasil – e até na Irlanda!

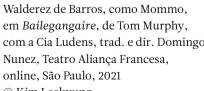
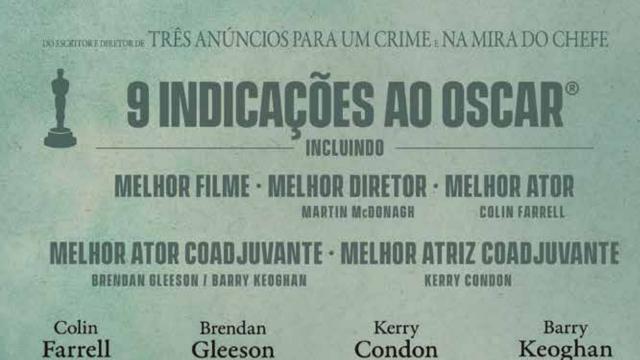
Cartaz de *Bailegangaire*, 2021
© Kim Leekyung / Gabriela Cima

AO LADO
Walderez de Barros, como Mommo, em *Bailegangaire*, de Tom Murphy, com a Cia Ludens, trad. e dir. Domingos Nunez, Teatro Aliança Francesa, online, São Paulo, 2021
© Kim Leekyung

Bábara Paz, Etty Fraser e Chico Martins, em *A Importância de ser fiel*, de Oscar Wilde, com o Grupo TAPA, dir. Eduardo Tolentino, Teatro Arthur Azevedo, São Paulo, 2003
© Zuza Blanc

ABAIXO
Sergio Mastropasqua e Nabia Villela em *O Dilema do Médico*, de George Bernard Shaw, com o Círculo de Atores, dir. Clara Carvalho, prod. Rosalie R. Haddad, MASP Auditório, São Paulo, 2023
© Ronaldo Gutierrez

Cinema, música e dança da Irlanda

PROFA. DRA. BEATRIZ KOPSCHITZ BASTOS

O cinema irlandês é popular no Brasil. *Meu pé esquerdo* (1989), *Em nome do Pai* (1993), *O quarto de Jack* (2015), *Belfast* (2021), *A menina silenciosa* (2022) e *Os Banshees de Inisherin* (2022) são exemplos de clássicos e indicados ao Oscar que foram especialmente bem recebidos.

Festivais dedicados ao cinema irlandês têm sido realizados em cidades como São Paulo, Florianópolis, Ouro Preto, Manaus e Salvador, com temas desde as dimensões internacionais do cinema irlandês até biografias na tela e traumas culturais, exibindo filmes de John T. Davis, Thaddeus O'Sullivan, Alan Gilsenan e Pat Murphy, entre outros cineastas. A série bilíngue *A Irlanda no cinema: roteiros e contextos críticos* (2011-), com roteiros e DVDs legendados, apresenta o trabalho de alguns desses diretores.

Comhaltas Brasil, a filial brasileira da *Comhaltas Ceoltóirí Éireann*, organização que promove e preserva a música e a cultura tradicional irlandesa em todo o mundo, foi criada em 2018, geminada com a *Comhaltas Bray*, na Irlanda. A organização incentiva a música, a dança e a língua nativa da Irlanda, *Gaeilge*, por meio de oportunidades de estudo e um festival anual de música irlandesa. Além disso, vários grupos se dedicam à música irlandesa tradicional e contemporânea em todo o Brasil, muitas vezes nas comemorações cada vez mais populares do Dia de São Patrício. U2, a banda de rock mais famosa da Irlanda, fez sua primeira turnê pelo Brasil em 1998 e, desde então, tem apresentado shows com lotação esgotada em algumas das maiores cidades do país.

Danças tradicionais irlandesas, como *Céilí* e *set dancing*, e agora a mundialmente famosa *Riverdance*, também estão aumentando em popularidade. A Banana Broadway, uma escola de dança brasileira dirigida por Fernanda Faez, que trabalha com dança irlandesa desde 1998, foi vice-campeã do Campeonato Mundial de Dança Irlandesa de 2017. Entre os projetos e realizações da escola estão a Cia Celta Brasil, a primeira companhia de dança irlandesa profissional do Brasil, que, em 2013, se apresentou no Rock in Rio, e o Festival Celta Brasil, com 19 edições realizadas. A dança irlandesa é hoje apreciada por sua singularidade e beleza em todo o país.

Masterclass de *Comhaltas* no Consulado da Irlanda, 2022
© Consulado da Irlanda

AO LADO
Cartaz de *Os Banshees de Inisehrin*, dir. Martin McDonagh, 2022
© Disney / Fox

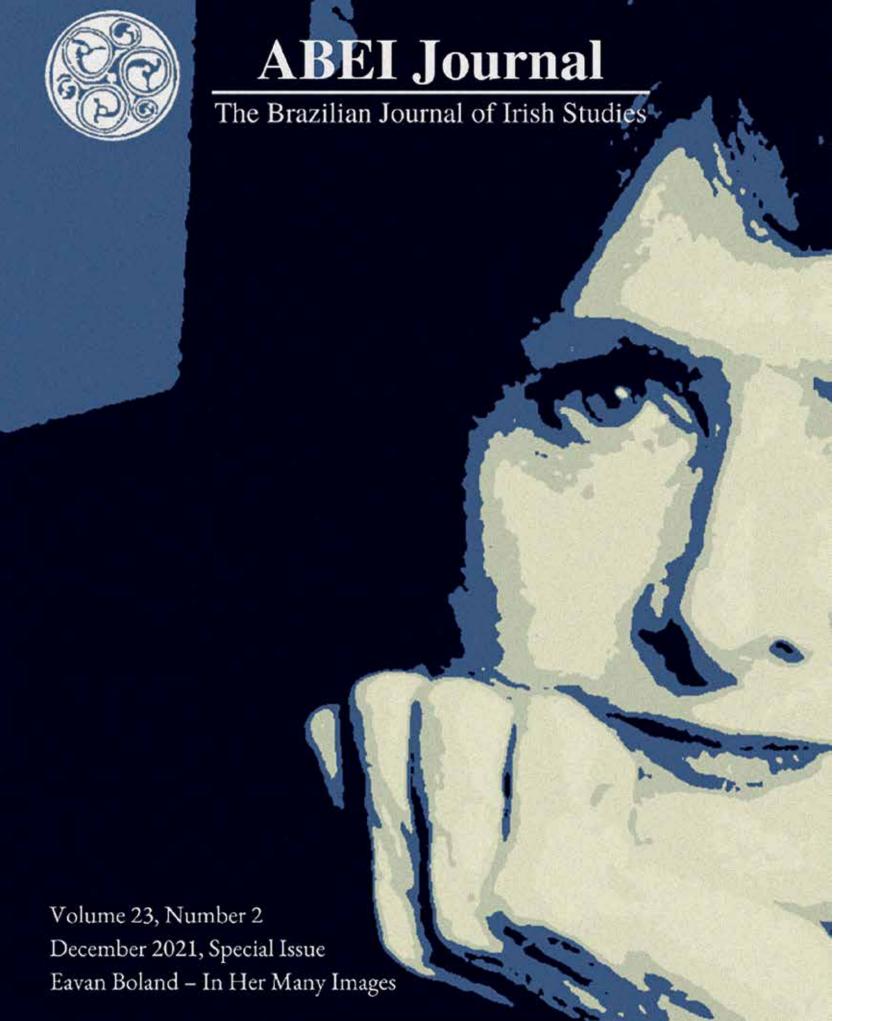
Festival Celta Brasil, 2019
© Marcelo Verdial

ABEI Journal

The Brazilian Journal of Irish Studies

Volume 23, Number 2

December 2021, Special Issue

Eavan Boland – In Her Many Images

ESTUDOS IRLANDESES

As décadas de 1970 e 1980 assistiram à difusão e ao fortalecimento dos Estudos Irlandeses no âmbito internacional. Por iniciativa pioneira da Profa. Dra. Munira Mutran, na Universidade de São Paulo (USP), e da Profa. Dra. Maria Helena Kopschitz, na Universidade Federal Fluminense (UFF), a Literatura Irlandesa ganhou expressão significativa também no Brasil. Até então, escritores como Joyce, Yeats, Beckett, Wilde e Shaw eram estudados em cursos de literatura inglesa!

O horizonte de pesquisa ampliou-se com cursos de pós-graduação que receberam visitantes enviados pelo Governo da Irlanda ao Brasil a partir de 1983: críticos, professores, escritores e artistas.

A sucessiva fundação de organizações como a Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI), em 1989, a Association for Research in Irish Studies (ARIS), na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2004, a Cátedra W.B. Yeats de Estudos Irlandeses, na USP, em 2009, o Grupo de Pesquisa em Estudos Irlandeses, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 2012, o Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2016, o grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil, UFF-UFSC, em 2018, e a Aliança das Cátedras de Estudos Irlandeses da América Latina, em 2022, por exemplo, contribuiu ainda mais para a consolidação da cena cultural irlandesa e para o vigor que ela desfruta no Brasil.

Hoje, a ABEI, presidida pela Profa. Dra. Mariana Bolfarine, a Cátedra W.B. Yeats, coordenada pela Profa. Dra. Laura Izarra, e o NEI, coordenado pela Profa. Dra. Alinne Fernandes e Profa. Dra. Beatriz Kopschitz Bastos, são parceiros institucionais do Governo da Irlanda, com programas anuais extensivos de visitas, congressos, eventos culturais, bolsas de estudos (ABEI-HADDAD, M.H. Kopschitz, Cátedra W.B. Yeats) e publicações: livros, palestras, artigos, teses, traduções e periódicos, destacando-se o *ABEI Journal*.

Gradualmente, fortaleceram-se também as relações com universidades da Irlanda e de outros países da comunidade internacional de Estudos Irlandeses, bem como associações internacionais: International Association for the Study of Irish Literatures (IASIL); Society for Irish Latin American Studies (SILAS); Asociación de Estudios Irlandeses del Sur (AEIS); Canadian Association for Irish Studies (CAIS); American Conference for Irish Studies (ACIS); Asociación Española de Estudios

Profa. Dra. Munira Mutran recebe o *Distinguished Service Award* do Presidente da Irlanda, Michael D. Higgins, 2018
© Áras an Uachtaráin

AO LADO
ABEI Journal: Volume 23, Number 2. December 2021, Special Issue, *Eavan Boland – In Her Many Images*. Ed. Laura P.Z. Izarra, Mariana Bolfarine; Guest editors: Gisele Wolkoff, Manuela Palacios
© ABEI

Claire Keegan, autora irlandesa premiada, com a Profa. Dra. Munira Mutran e Profa. Dra. Laura Izarra, em visita à USP, 2008
© Laura Izarra

Irlandeses (AEDEI); European Federation of Associations and Centres of Irish Studies (EFACIS); dentre outras.

Destaca-se, de maneira muito especial, que, em 2018, a Profa. Dra. Munira Mutran recebeu do Presidente da Irlanda, Michael D. Higgins, o *Presidential Distinguished Service Award*, em reconhecimento por suas contribuições na área de Estudos Irlandeses.

Este esboço revela, sobretudo, que "a nascente fluiu de maneira contínua, formando diferentes regatos que, ao longo dos anos, transformaram-se em afluentes, cada qual seguindo seu caminho, porém todos interligados, desaguando no caudaloso rio dos Estudos Irlandeses no Brasil" (Munira Mutran).

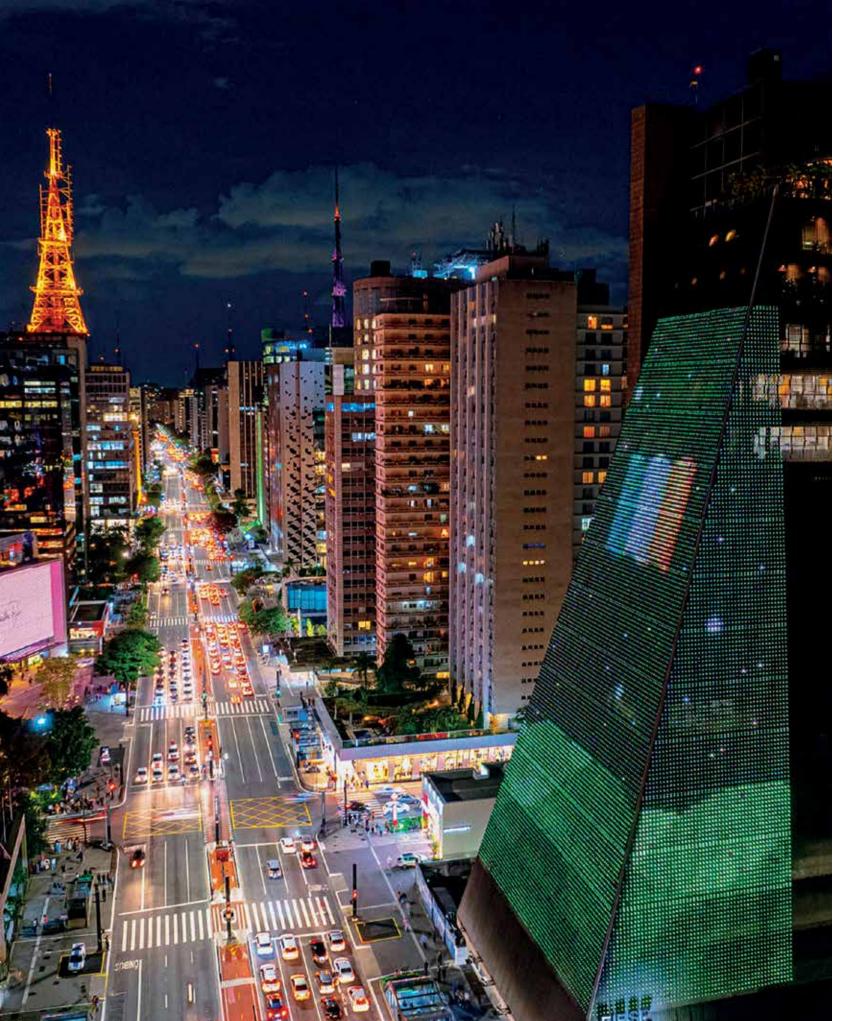
AO LADO
Ministro da Educação da Irlanda, Deputada Jan O'Sullivan, com alunos de Estudos Irlandeses da USP, 2015
© Laura Izarra

Ceann Comhairle, Presidente do Parlamento da Irlanda, Seán Ó Fearghaíl, com Reitor da USP, Coordenadora da Cátedra W.B. Yeats de Estudos Irlandeses, Embaixador e Cônsul Geral da Irlanda, 2019
© Consulado da Irlanda

Profa. Dra. Beatriz Kopschitz Bastos lança livros da série *A Irlanda no cinema: roteiros e contextos críticos*, na UFSC, 2022
@ Consulado da Irlanda

AO LADO, NO ALTO
Fintan O'Toole, escritor, jornalista, colunista do *The Irish Times* e *Professor in Irish Letters* em Princeton, lança exposição sobre George Bernard Shaw na USP, 2017
© Laura Izarra

AO LADO
A autora *best-seller* Eimear McBride participa da *VI Jornada de Estudos Irlandeses* da UFSC e visita o mural vencedor do concurso *Ulysses100* com outros convidados, 2022
© Consulado da Irlanda

Prof. Eunan O'Halpin, alunos e Professores de Estudos Irlandeses da USP e a equipe da Embaixada e do Consulado comemoram o Dia de São Patrício, 2022
© Consulado da Irlanda

Relações diplomáticas

As calorosas relações diplomáticas entre a Irlanda e o Brasil tem se fortalecido cada vez mais, desde seu estabelecimento em 1975 – embora esta exposição demonstre que as profundas conexões entre nossos dois países remontam há séculos!

As relações diplomáticas estabelecidas em 1975 foram consolidadas com a Embaixada do Brasil em Dublin, em 1991, a Embaixada da Irlanda em Brasília, em 2001, e o Consulado da Irlanda em São Paulo, em 2015. Desde que as relações diplomáticas foram firmadas, o relacionamento entre os dois países tem sido amigável e produtivo e tem crescido em diversas áreas de cooperação. Em 2022, a Irlanda lançou sua primeira estratégia para a região da América Latina e Caribe, da qual as relações com o Brasil são parte crucial.

O engajamento político entre a Irlanda e o Brasil em alto nível ocorre de maneira regular, inclusive por meio de três visitas presidenciais da Irlanda ao Brasil. O Brasil também recebeu visitas de muitos ministros do governo irlandês, incluindo os responsáveis por Comércio, Educação e Ciência, bem como *Ceann Comhairle* (Presidente da Câmara), em 2019.

A Irlanda também teve a satisfação de fornecer apoio ao governo do Brasil, principalmente por meio de suprimentos médicos durante a pandemia da COVID-19 e assistência na proteção da floresta Amazônica.

AO LADO
FIESP, sede da Federação das Indústrias de São Paulo, celebra o St. Patrick's Day com design irlandês
© Carlos Alberto d'Alkmin / Consulado da Irlanda

Presidente da Irlanda, Michael D. Higgins, e sua esposa, Sabina Higgins, são recebidos pelo Presidente Luiz Inácio (Lula) da Silva no Brasil, 2012
© Áras an Uachtaráin

Cerimônia de Apresentação de Cartas Credenciais do Embaixador Seán Hoy ao Presidente Michel Temer, Presidente do Brasil, 2018
© Embaixada da Irlanda

ABAIXO
Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, Rodrigo Maia, realiza visita oficial à Irlanda em 2019; aqui com o Presidente e membros do Congresso irlandês, Embaixador Seán Hoy e Embaixadora do Brasil na Irlanda, Eliana Zugaib
© Embaixada da Irlanda

Nossas relações diplomáticas também têm facilitado parcerias em outros setores: o Brasil é o segundo maior parceiro comercial da Irlanda na América Latina, e muitas empresas irlandesas estão expandindo suas operações aqui, com o apoio do escritório da Enterprise Ireland, em São Paulo. Milhares de brasileiros estudaram em universidades irlandesas, participando do Ciência sem Fronteiras e de outros projetos de cooperação acadêmica, e a cada ano a Irlanda recebe mais de quinze mil estudantes de inglês provenientes do Brasil. O amor dos brasileiros pela cultura irlandesa fica claro nesta exposição!

Além disso, a Irlanda é hoje o lar de dezenas de milhares de brasileiros, uma comunidade que cresceu exponencialmente nos últimos anos e deu uma contribuição extremamente valiosa para a sociedade irlandesa. Os laços criados pela diáspora brasileira – morando, trabalhando e estudando na Irlanda – são sem dúvida positivos.

O ímpeto criado em nosso relacionamento bilateral é muito bem-vindo, e ambos os lados esperam fortalecer, de modo contínuo, os laços entre nossos governos e povos.

COLABORADORES

Profa. Dra. Wilma Therezinha Fernandes de Andrade
Universidade Católica de Santos
Narcisa Emília O'Leary de Andrada e Silva

Profa. Dra. Beatriz Kopschitz Bastos
Universidade Federal de Santa Catarina
Teatro irlandês; *Cinema, música e dança da Irlanda*

Professor Leslie Bethell
University of Oxford
O Brasil por autores irlandeses

Profa. Dra. Mariana Bolfarine
Universidade Federal do Rondonópolis e Presidente da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses
Hy Brasil: origens celtas; *Roger Casement*

Christopher Burden
Escritor
Mercenários irlandeses

Vincent Deely
Leigo Espiritano
Missionários irlandeses

Prof. Dr. Caetano Galindo
Universidade Federal do Paraná
James Joyce

Profa. Dra. Laura P.Z. Izarra
Coordenadora da Cátedra de Estudos Irlandeses W.B. Yeats, Universidade de São Paulo
Literatura irlandesa contemporânea

Peter O'Neill
Pesquisador independente
Independência da Irlanda: ligações com o Brasil; *Famílias brasileiras descendentes de irlandeses*; *Colonos irlandeses*; *Engenheiros irlandeses*; *Oficial, comerciante e médico*; *Fotógrafo, editor e zoóloga*; *Dom Pedro II na Irlanda*

Prof. Dr. José Roberto O'Shea
Universidade Federal da Santa Catarina
Prêmio Nobel de Literatura

Prof. Dr. Bruce Stewart
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Clássicos da literatura irlandesa

EMBAIXADA DA IRLANDA EM BRASÍLIA
EMBAIXADOR
Seán Hoy

CHEFE DE MISSÃO ADJUNTA
Maeve McKiernan

CONSULADO GERAL DA IRLANDA EM SÃO PAULO
CÔNSUL GERAL
Eoin Bennis

CÔNSUL GERAL ADJUNTA
Rachel Fitzpatrick

APOIO
Vanessa Berloffa
Mauricio Kinoshita
Fabiana Lino

EXPOSIÇÃO
REALIZAÇÃO
Consulado Geral da Irlanda em São Paulo

CURADORIA
Peter O'Neill
Profa. Dra. Beatriz Kopschitz Bastos

COORDENAÇÃO GERAL DE PRODUÇÃO
Rachel Fitzpatrick
Verônica Lessa

TEXTOS
Profa. Dra. Wilma Therezinha Fernandes de Andrade
Profa. Dra. Beatriz Kopschitz Bastos
Professor Leslie Bethell
Profa. Dra. Mariana Bolfarine
Christopher Burden
Vincent Deely
Prof. Dr. Caetano Galindo
Profa. Dra. Laura P.Z. Izarra
Peter O'Neill
Prof. Dr. José Roberto O'Shea
Prof. Dr. Bruce Stewart
Consulado Geral e Embaixada da Irlanda

PESQUISA E BASE DE CONHECIMENTO
Peter O'Neill

ASSISTENTE DE PESQUISA
Monica Zappala

ACERVOS DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
Centro de Coleções e Serviços aos Leitores
COORDENAÇÃO DE ACERVO ESPECIAL
Mônica Carneiro Alves

SEÇÃO DE CARTOGRAFIA
Maria Dulce de Faria

SEÇÃO DE ICONOGRAFIA
Diana dos Santos Ramos

SEÇÃO DE MANUSCRITOS
Luciane Simões Medeiros

SEÇÃO DE OBRAS RARAS
Valéria Alves de Freitas Werneck

COORDENAÇÃO DE ACERVO GERAL
Dayse do Nascimento P.F. da Conceição

SEÇAO DE ATENDIMENTO E CURADORIA DE OBRAS GERAIS
Amanda de Souza

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES SERIADAS
Alex da Silveira

PREPARAÇÃO DO ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
COORDENAÇÃO DE PRESERVAÇÃO
Jayme Spinelli

CENTRO DE CONSERVAÇÃO E ENCADERNAÇÃO – CCE
Gilvânia Lima

LABORATÓRIO DE RESTAURAÇÃO
Jandira Helena Fernandes Flaechen

REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS
Laboratório de Digitalização
Otávio Alexandre Oliveira

PROJETO EXPOGRÁFICO
Marcela Perroni | Ventura Design

CENOTÉCNICA
Buritis

TRADUCÃO
Fox Traduções

AGRADECIMENTOS
Sinceros agradecimentos à Fundação Biblioteca Nacional pela parceria no desenvolvimento desta exposição e por, generosamente, sediá-la. Agradecimentos especiais pelo uso de imagens, material de arquivos e livros raros da BN; pela contribuição de todo o time da BN para pesquisa, produção e promoção da exposição; e pelo apoio à promoção da literatura irlandesa no Brasil desde a fundação da Biblioteca.

APOIO
Departamento de Relações Exteriores da Irlanda

CATÁLOGO
COORDENAÇÃO EDITORIAL
Rachel Fitzpatrick
Verônica Lessa

PROJETO GRÁFICO
Marcela Perroni | Ventura Design

REVISÃO DE TEXTO
Priscilla Morandi

TRADUÇÃO
Fox Traduções

TRATAMENTO DE IMAGENS
Edição da Imagem

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Ipsis Gráfica e Editora

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

I69

Irlandeses no Brasil / [curadoria Peter O'Neill, Beatriz Kopschitz Bastos ; textos Wilma Therezinha Fernandes de Andrade ... et al.]. – São Paulo : Consulado-Geral da Irlanda ; Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2023.
68 p. : il. col. ; 22 x 27 cm.

ISBN

1. Irlandeses – Brasil – História – Exposições. 2. Literatura irlandesa – Traduções para o português – Exposições. 3. Brasil – Civilização – Influências irlandesas – Exposições. 4. Biblioteca Nacional (Brasil) Exposições. I. O'Neill, Peter. II. Bastos, Beatriz Kopschitz. III. Andrade, Wilma Therezinha Fernandes de. IV. Irlanda. Consulado Geral (São Paulo, SP). V. Biblioteca Nacional (Brasil)

CDD- 981.0049162

Ficha Catalográfica elaborada pela Divisão de Ampliação de Acervo, do Centro de Processamento e Preservação da Fundação Biblioteca Nacional.